



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2013

**DANIEL
DUARTE
RODRIGUES**

**TEODOLITO, A NOVA PEÇA DE CARLOS DA VEIGA
FERREIRA NO XADREZ EDITORIAL**



**DANIEL
DUARTE
RODRIGUES**

**TEODOLITO, A NOVA PEÇA DE CARLOS DA VEIGA
FERREIRA NO XADREZ EDITORIAL**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizado sob a orientação científica do Doutor António Manuel Lopes Andrade, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha família, Mar, C e J e, claro, a Carlos da Veiga Ferreira e Nelson de Matos.

o júri

presidente

Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão
professor catedrático da Universidade de Aveiro

vogais

Prof. Doutor António Manuel Lopes Andrade
professor auxiliar da Universidade de Aveiro (orientador)

Licenciado Carlos da Veiga Ferreira
editor da Teodolito – Edições Afrontamento, Lda. reconhecido
como especialista pela Universidade de Aveiro (arguente)

agradecimentos

Agradeço novamente a Carlos da Veiga Ferreira pela oportunidade de estagiar na Teodolito e pelo acolhimento e amizade.
Agradeço também ao Doutor António Andrade pelo apoio que me concedeu nas suas recomendações e conselhos.

palavras-chave

Teodolito, Teorema, Feira do Livro de Frankfurt, Revisão, Facebook, Marketing.

resumo

No presente trabalho relatam-se as principais atividades formativas do estágio na Teodolito, entre outubro de 2012 e março de 2013, numa experiência muito enriquecedora com o ex-editor da Teorema, Carlos da Veiga Ferreira. Uma autêntica iniciação no mundo editorial por um dos seus mentores, aprofundando momentos chave da aprendizagem como a ida à Feira do Livro de Frankfurt, a leitura crítica de originais, a análise de contratos de direitos de autor, a investigação de catálogos estrangeiros e a responsabilidade de assegurar a comunicação e promoção da editora através do Facebook.

keywords

Teodolito, Teorema, Frankfurt Book Fair, Proofreading, Facebook, Marketing.

abstract

In the present work are reported the main formative activities of the internship in Teodolito, between October 2012 and March 2013, in a very enriching experience with the former editor of Teorema, Carlos da Veiga Ferreira. A true initiation into the world of publishing by one of his mentors, deepening key moments of learning as the trip to Frankfurt Book Fair, the critical reading of manuscripts, analysis of copyright contracts, research on foreign catalogs and the responsibility to ensure the communication and promotion of the publisher through Facebook.

Índice

1. Contextualização	3
1.1 Carlos da Veiga Ferreira, uma biografia	5
1.2 O caso Teorema/Leya	9
1.3 O Grupo Afrontamento	13
1.4 A Teodolito	15
2. Feira do Livro de Frankfurt 2012	19
3. Comunicação Editorial	31
4. Procura e Estudo de Livros em Catálogos Estrangeiros	37
5. Lançamentos	43
6. Revisão	47
7. Produção de Sinopse Original	53
8. No escritório	57
9. Leitura e Análise de Originais	61
10. Contratos de Direitos de Autor	65
11. Notas Finais	73
Bibliografia	79
Anexos	81

1. Contextualização

Comecei o meu estágio na Teodolito com Carlos da Veiga Ferreira precisamente no dia 1 de outubro de 2011, no entanto, parece-me relevante apresentar uma pequena nota cronológica das razões que me fizeram optar por estagiar com este Editor em específico e não com um dos que me apresentaram na lista de estágios que a Universidade de Aveiro facultou. Quando li a tabela dos estágios que a Coordenação do Mestrado de Estudos Editoriais do DLC me fez chegar, investiguei as instituições disponíveis e cheguei à conclusão que nenhuma delas era aquilo que eu procurava. Não que fossem más possibilidades, mas não só eram maioritariamente localizadas no Norte do País, algo compreensível tendo em conta a localização da Universidade e proveniência da maioria dos alunos mas não para mim, que moro em Lisboa; além disso, não representavam aquilo que eu ambicionava: uma formação com uma instituição ou figura de relevo histórico para o mercado editorial português, isto é, não era tanto a remuneração e a “elevada taxa de empregabilidade do estagiário na editora que o recebia” que me interessavam mas sim ter a oportunidade de aprender com um dos melhores. Sendo o único aluno de Lisboa na turma procurava também que este estágio fosse na região da Grande Lisboa, algo que o diretor do MEE me facilitou ao aconselhar-me a editora Âncora (na medida em que, neste caso específico, o editor António Baptista Lopes delegou a responsabilidade de escolher o candidato na pessoa do Diretor do Mestrado) mas cujo catálogo não me cativou.

Paralelamente, andava na altura em contacto com o Diretor dos Booktailors, Paulo Ferreira, para receber aconselhamento paralelo ao da Universidade e do Mestrado com o intuito de tomar uma decisão ainda mais frutuosa aquando da escolha do meu estágio. Ele aconselhou-me a procurar fora deste prisma restrito, na forma de uma lista disponibilizada pela Coordenação do Mestrado, e a tomar iniciativa própria de contatar as editoras com que eu desejaria trabalhar, mesmo que tal parecesse inalcançável. Aqui entra uma das questões mais ambíguas e talvez falaciosas da minha escolha: o meu gosto pessoal. Eu escolhi este Mestrado principalmente pelo meu gosto pela leitura e desejo de trabalhar com o produto do meu interesse, o livro pelo que não estava minimamente interessado em trabalhar com a editora que

publicasse Paulo Coelho, a Pergaminho do Grupo Bertrand Círculo, apesar de saber que iria ter a garantia de boas vendas e talvez, até, ter um estágio que me proporcionasse uma boa experiência. Mas não estaria motivado, porque ainda tenho em conta que o principal objetivo dos editores é publicar boa literatura.

Ora as editoras são os seus catálogos e autores, daí que eu tivesse uma predileção de escritores preferidos e o desejo lógico de querer também estagiar na editora onde estas figuras estavam representadas. É aqui que surge pela primeira vez a hipótese “Carlos da Veiga Ferreira e Teodolito”. Sabia já nesta altura do ocorrido em finais de 2010, da saída do editor da Teorema e por conseguinte da Leya, e da criação da sua nova editora, a Teodolito, no ano seguinte, questão que desenvolverei à frente noutra secção.

Foi só somar um mais um: Carlos da VF (abreviatura que será doravante adotada) tinha dado a conhecer em Portugal, ainda na Teorema, a maior parte dos meus escritores preferidos: Roberto Bolaño, W. G. Sebald, Italo Calvino, Jorge Luis Borges, Douglas Coupland, Enrique Vila-Matas, Martin Amis, Elmore Leonard ou Vladimir Nabokov e somava-se a isto o facto de eu reconhecer nele uma das figuras de proa do mundo editorial português, após ter estado presente no Correntes d’Escritas em 2012 e saber que no ano anterior recebera, naquele que é o maior festival literário do país, o grande Prémio Especial Carreira (Editor) criado pela parceria Revista Ler/Booktailors. O facto de estar com um novo projeto editorial ainda em emergência resultava numa boa oportunidade para acompanhar este desenvolvimento. Estavam preenchidos os meus requisitos apresentados anteriormente e feita a escolha, agora vinha a parte difícil, conseguir o estágio com o editor da recém-criada Teodolito.

As minhas negociações começaram ainda antes do fim das aulas do primeiro ano do Mestrado em Estudos Editoriais, tendo enviado a minha primeira tentativa de contacto no início de maio. Ao longo desse mês tentei comunicar com Carlos da VF sem sucesso e já estava a perder a minha esperança quando já no início de junho lá consegui agendar um encontro na editora para apresentar a minha candidatura para estagiar com ele. Foi bem sucedido pois ainda no dia do encontro lhe enviei o Protocolo de Estágio. Obviamente que aqui o meu entusiasmo era significativo dado que tinha agora a certeza que o meu estágio seria com um grande mentor da edição, ainda mais num ambiente informal, já que fomos sempre só os dois a trabalhar em conjunto sem outros funcionários no escritório, o que criou uma relação de amizade muito

produtiva entre estagiário e editor que se cimentou logo no início com a nossa ida à Feira de Frankfurt.

Antes de dar início ao meu relatório farei ainda nesta secção da contextualização uma breve introdução dividida em pequenas subsecções à conjuntura externa deste estágio e aos seus principais intervenientes, de forma a consolidar uma base sólida de partida para lançar este relatório a partir do relato da Feira de Frankfurt onde, segundo a visão de Carlos da VF, fui o primeiro estagiário a participar. Mas já lá chegamos.

1.1 Carlos da Veiga Ferreira, uma biografia

Parece-me adequado começar este relatório com uma breve biografia do editor com quem estagiei, não só pelo seu percurso de vida editorial ter sido o critério fulcral para a minha escolha, como pela coincidência de ter sido escrita a sua biografia, para publicação em 2013, enquanto estagiei na Teodolito.

Em dezembro de 2012, a Booktailors, agência central no xadrez editorial português, lançou uma coleção onde iriam figurar as biografias das grandes figuras do mundo do livro em Portugal, a que chamou os “Protagonistas da Edição” e que inaugurou com a biografia de Fernando Guedes, “O Decano da Edição”, o famoso fundador da Editorial Verbo. Tal como o primeiro número desta coleção, também foi Sara Figueiredo Costa, jornalista e crítica literária, famosa pelo seu blogue Cadeirão Voltaire (cujo nome tem a sua génese numa obra publicada pela Teorema de Carlos da VF, *A Vida Exagerada de Martin Romaña* de Alfredo Bryce Echenique que com a sua sequência formam o díptico *Cuadernos de navegación en un sillón Voltaire*), a escolhida por Paulo Ferreira para recolher o relato vivo da história de vida de Carlos da VF e de o tornar uma biografia impressa, que estará disponível para o público em geral em meados de 2013. Carlos da Veiga Ferreira foi o editor escolhido para figurar no segundo número da coleção, a que se seguirá a biografia de Guilhermina Gomes, diretora do Círculo de Leitores, que também tive oportunidade de conhecer na Feira de Frankfurt. Foi um privilégio para mim assistir ao desenrolar das reuniões entre a autora da biografia e o vulto sobre o qual esta trata, e estar também a fazer parte da história da vida de um Editor com E

grande, no prenúncio do fim da era do livro em papel a que Carlos da VF se agarra perante o abismo do livro digital do futuro.

Tracemos então um breve esboço da vida de Carlos da Veiga Ferreira, com algum apoio da obra biográfica que a autora assinou (queria igualmente deixar aqui expresso o meu agradecimento pessoal a Sara Figueiredo Costa, a autora da biografia de Carlos da VF que (aquando da elaboração deste relatório não estava ainda publicada) e dos Booktailors que me autorizaram a utilização de excertos do seu texto e a permissão para revelar o seu nome como autora) e com alguns conhecimentos que adquiri diretamente de conversas com o editor.

Nascido em Penafiel no ano cinzento de 1948, foi ainda no Norte, mais precisamente no Porto, que começou a ter os seus interesses virados para a literatura, quando por volta de 1962, em pleno Estado Novo, frequentava os cafés e tertúlias literárias da Invicta. Três anos depois vem para Lisboa para se inscrever no atual ISCTE e frequentar o Curso de Ciências Sociais, passando então a conviver regularmente no já desaparecido café Montecarlo junto ao Saldanha, onde o apresentam a vários vultos da cena literária da época, entre eles os escritores Carlos de Oliveira e Herberto Helder, talvez o maior poeta português vivo. Após terminar a licenciatura, começa a cumprir o serviço militar na capital, tendo na altura 22 anos, impedido portanto de trabalhar no meio editorial durante os anos da tropa. Ainda antes da Revolução de abril, em 1973, realiza em parceria com Maria Velho da Costa (Prémio Camões 2002) um estudo sobre a relação entre o trabalho industrial e a doença mental no Hospital Miguel Bombarda. A imagem da estrutura arruinada e abandonada do antigo manicómio de Lisboa é muito importante para Carlos da VF e para a sua história de vida, já que são as traseiras tristes do edifício que preenchem a paisagem que se observa pelas janelas do antigo escritório da Teorema, que aloja agora a jovem Teodolito na Rua Padre Luís Aparício. Neste mesmo ano, o jovem António Lobo Antunes começa também a trabalhar no Miguel Bombarda, onde inicia a sua brilhante carreira de escritor, vindo de Angola e traumatizado pela experiência da Guerra Colonial que ainda hoje marca a sua literatura. Entretanto Carlos Araújo, um editor hoje com mais de 50 anos de experiência com livros, que tal como Carlos da VF passou pela Leya e de lá saiu, funda a Teorema, juntamente com Guilherme Valente (fundador da Gradiva) e outros “trinta malucos” (como diz o editor).

Porém, é só depois do 25 de abril que Carlos da Veiga Ferreira entra na Teorema onde começa imediatamente a fazer traduções, na sua maioria de ensaios (como por exemplo, *Ler o Capitalismo* de Michel Beaud). Dez anos depois, torna-se um dos sócios da editora, agora relançada, na qual começa a reconstruir a instituição com Carlos Araújo (é também sobre o Capitalismo, a primeira obra da nova Teorema, desta vez de Fernand Braudel, *Dinâmica do Capitalismo*). Até ao início da década de 90, Carlos da VF representa a editora na APEL, começa a editar alguns dos principais autores do seu catálogo na Teorema como Italo Calvino, Bret Easton Ellis e Tom Sharpe, faz mais traduções, apesar de serem quase sempre de matéria ensaística, sobrevive a alguns problemas financeiros na editora e fica finalmente sozinho à frente da Teorema, na construção do catálogo e gestão editorial.

E é em 1990 que a sua biografia de editor realmente tem a sua génese, pois é a primeira vez que vai à Feira do Livro de Frankfurt, uma estreia difícil pois Carlos da VF vai à Alemanha maioritariamente para pagar as dívidas que a editora tinha de forma a convencer os editores e agentes a renegociar contratos antigos e propor novos. Cria assim contactos com as grandes figuras mundiais da edição que hão de ser tão fortes e duradouros que já em 2012, quando o acompanhei à Feira, testemunhei autênticos laços de amizade entre Carlos da VF e os nomes grandes do livro no panorama mundial. Por exemplo com Andrew Wyllie (conhecido como o Chacal, cujo catálogo de escritores constitui toda a história da literatura do século XX). Na sua biografia, de autoria de Sara Figueiredo Costa, Carlos da VF aprofunda esta sua estreia complicada em Frankfurt, “(...)Sim, entrei em Frankfurt a dever dinheiro a praticamente toda a gente. E nessa altura, o caso era sério. Hoje, com a crise espalhada por toda a parte, há coisas que se conseguem adiar, até porque os atrasos nos pagamentos são universais. Mas naquele tempo não era assim. E lá fui eu correr toda a gente, com uma listinha na mão onde tinha apontado o que devia a cada um e fui explicando a todos que queria pagar. Quando cheguei ao pé da Sally Rilley, que detinha os direitos do [Italo] Calvino, ela disse-me imediatamente que não queria vender mais nenhum livro à Teorema. E eu disse-lhe que percebia perfeitamente a sua posição, mas que estava ali porque queria mais livros do Calvino, que iria pagar a dívida que tínhamos e que, dali para a frente, pagaria sempre tudo o que houvesse para pagar. Apesar das hesitações, propus-lhe que nos vendesse dois livros, para fazermos a experiência. E consegui: comprei o *Palomar* e as *Seis Propostas Para o*

Próximo Milénio. E cumpri todos os pagamentos, de tal maneira que quando sai da Teorema, em 2010, devem ter ficado lá uns vinte e muitos títulos do Calvino, e acho que ainda há alguns por publicar. Isto fazia com que a Teorema fosse a única editora em todo o mundo, fora de Itália, que tinha tantos livros do Calvino publicados. Com outros agentes, fiz o mesmo. Alguns já conhecia, como os espanhóis: a Anne-Maria Valaz, a Carmen Balcells. Os outros, franceses, ingleses, americanos, alemães ou italianos, praticamente não conhecia ninguém. E fui-me apresentando: “Estou aqui, devo este dinheiro e vou pagar (...).” (Costa, 2013, p.3).

Como diz Carlos da VF, hoje com a internet, a Feira não serve para muito a não ser para o contacto pessoal entre editores e agentes visando fortalecer os laços pessoais de amizade que os livros criam. A partir daqui a sua história passa a ser a biografia da sua editora, a Teorema, pelo que sublinho apenas alguns acontecimentos relevantes da sua cronologia como a publicação de dois dos seus maiores best-sellers, *Geração X* de Douglas Coupland, em 1994, e *O Carteiro de Pablo Neruda* em 1996; 1998 marcará o início da publicação das *Obras Completas* de Jorge Luis Borges (o autor que o editor mais aprecia e estima no seu instruído gosto literário pessoal); em 1999, quando participa no Master de Édition da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, como primeiro editor estrangeiro a ser convidado para fazer a tertúlia de encerramento do ano letivo e ainda no final do século passado quando funda a União dos Editores Portugueses (UEP), onde participam várias editoras como a Teorema, descontentes com o rumo da APEL. Já no início do milénio, a criação do Prémio FNAC/Teorema, que premiava obras literárias inéditas posteriormente publicadas na sua editora e que deu hoje lugar ao Prémio Fnac Novos Talentos da Literatura (presentemente apoiado pela Teodolito); em 2004, quando publica a grande obra *Austerlitz* de W. G. Sebald (agora na Quetzal); a partir de 2006, quando é eleito Presidente da União dos Editores Portugueses até à sua extinção 3 anos depois. Como muito gosta de lembrar o editor da Teodolito é em 2007, afirmando hoje ter previsto a atual crise mundial, que vende a Teorema à Explorer Investments, continuando, porém, a trabalhar na editora. No entanto, ainda nesse ano tinha começado a era portuguesa do agrupamento das editoras, com a Leya na frente deste ambíguo processo de compra de editoras. Este grupo acaba por comprar, no início da crise, as editoras da Explorer Investments, entre elas a Teorema, passando Carlos da VF a trabalhar neste grupo editorial, apesar de recusar trabalhar nos escritórios da Leya e ficar pelo seu antigo

escritório junto ao Hospital Miguel Bombarda. Em 2009, após a já referida extinção da UEP, dá-se a fusão desta com a APEL, após a lista liderada por Paulo Teixeira Pinto concorrer aos órgãos diretivos da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros e conseguir convergir elementos das duas correntes anteriormente em discórdia. Chegamos a 2010, onde se dá o polémico caso Teorema/Leya, que será tratado na secção seguinte, já que a sua importância é central, pois dita a existência da Teodolito e, por conseguinte, do meu estágio, e também evidencia o carácter independente do editor com que estagiei.

1.2 O caso Teorema/Leya

Em meados de dezembro de 2010, a notícia da saída de Carlos da Veiga Ferreira da Teorema, a editora a que dedicara mais de duas décadas da sua vida, é falada na maior parte dos jornais e blogues literários (tal como seria mais tarde a criação da sua nova editora, a Teodolito). A saída de um editor de uma casa editorial não costuma ser manchete de jornal, visto que a profissão em questão implica em média muitas mudanças de instituição. É raro um editor, que não seja fundador, ficar toda a sua vida ativa a trabalhar numa só editora. É, pelo contrário, muito comum o currículo de um editor no seu auge conter várias passagens, breves ou duradouras, por inúmeras editoras. Casos como o de Carlos da VF é que são incomuns; uma saída como a sua, brusca e pressionada, parecida à do editor Nelson de Matos, que em 2004 também abandonara a Dom Quixote, precisamente no Dia de Portugal, deu notícia nos jornais pela sua duradoura colaboração com a editora, que rondava também pelo mesmo tempo que Carlos da VF na Teorema, mais de 20 anos. Lembrando ainda que foi com a Dom Quixote que Nelson de Matos publicaria grandes nomes da literatura portuguesa como António Lobo Antunes, Manuel Alegre ou José Cardoso Pires. A razão da sua saída é relativamente semelhante à de Carlos da VF, a causa é a gestão dos grandes grupos editoriais que, normalmente, ficam nas mãos de gestores vindos de um ambiente exterior ao da edição, e que entram em conflito com as grandes figuras que já nele nadam como peixes. Estes editores de larga experiência vêm o seu poder enfraquecido e o seu conhecimento ameaçado por pessoas que nada percebem nem querem perceber de literatura, que desrespeitam os livros tratando-os

como mercadoria de prazo de iogurte para ser guilhotinada quando apanhar demasiado pó nos armazéns e lhes custar dinheiro a mais.

Editor de grande carácter independentista, a saída de Carlos da VF foi um choque para a pequena comunidade de editores em Portugal e foi noticiada nos grandes blogues da área do livro (Cadeirão Voltaire, Bibliotecário de Babel, Blogtailors e Horas extraordinárias), nos jornais de grande tiragem (Público, Jornal de Notícias, Expresso, Jornal i), nas revistas literárias (Revista Ler, Revista Os meus Livros), revistas gerais (Visão, Sábado), na rádio (Rádio Renascença), na agência Lusa, na televisão (RTP, Sic Notícias) e, claro, na internet (Sapo e outros blogues).

O então editor da Teorema, cessou as suas funções na editora no Grupo Leya antes do final de 2010, depois de já ter sido afastado das funções administrativas da editora, na sequência de uma proposta da administração da Leya (Miguel Paes do Amaral) que passava pelo corte brutal do seu salário em 54%, algo que quebrava o seu contrato, que nos dois anteriores tinha sido respeitado. Carlos da VF não aceitou e avançou para a resolução judicial. O contrato em questão era péssimo para o editor já que, quando saísse, tinha por obrigação um período de alguns anos em que não podia fazer nada na área da edição, o pior castigo que se pode fazer a um editor apaixonado por livros. O facto é que, caso o contrato tivesse sido levado até ao fim, não existiria a Teodolito, pelo que hoje Carlos da VF está feliz com o decurso dos acontecimentos. O editor da Teodolito tinha então um contrato de cinco anos com a Leya, para administrador e editor da Teorema, que acabaria dentro de um ano e sete meses, quando se dá a decisão da Leya de enveredar por uma reestruturação, integrando a Teorema na Texto Editora. No início do mês de dezembro, a administração da Leya informou-o de que o seu contrato estava nulo e ofereceu-lhe um lugar de editor que seria remunerado pelo valor mais elevado que a Leya pagava na altura aos seus editores e que correspondia a apenas 46% do salário que atualmente obtinha. Carlos da VF decidiu não aceitar a proposta da Leya, sentindo ferida a sua dignidade histórica pela pouca importância que a Leya dava, com este acordo, ao editor de um catálogo como o da Teorema. Mais do que pelo dinheiro, que não é de todo a sua razão maior para publicar livros, como provam as suas parcerias solidárias com a Fnac, cuja receita dos livros anuais de contos Prazer da Leitura, vendidos no Dia do Livro revertem a

favor da AMI, ou os lucros da venda do seu livro infantil *Menino como Eu*, escrito pela sua esposa, Luísa Lobão Moniz, que revertem para o Instituto do Apoio à Criança/IAC.

Na altura substituído por José Oliveira, editor da literatura infantojuvenil da Caminho (uma das editoras da Leya), na direção da Teorema, hoje a editora está em processo de “regeneração” nas mãos da famosa editora Maria do Rosário Pedreira (também poeta e muito conhecida por descobrir jovens talentos da literatura portuguesa, como João Tordo, José Luís Peixoto e Valter Hugo Mãe, entre outros) que se encarrega dos autores portugueses e latinos enquanto a sua parceira Carmen Serrano trata dos autores ingleses, com que estrearam os novos lançamentos da editora (como Stephen Kelman com o seu *Pombo Inglês*, um fraco finalista ao Man Booker Prize na opinião dos críticos literários e que acabou por perder para Julian Barnes com o seu *Sense of an Ending* que acabou traduzido pela Quetzal).

A Quetzal remete-nos para outra questão importante e recente que é a da apropriação do catálogo da Teorema por outras editoras e a ineficácia ou mesmo desleixo da Leya em proteger os grandes autores que a ex-editora de Carlos da VF albergava. Afirma-se, por isso, que apesar do bom trabalho de vendas de Maria do Rosário Pedreira que, com o livro de estreia de João Rebocho Pais, *O Intrínseco de Manolo*, conseguiu uma boa quota de vendas; a nova gestão da Teorema está a arruinar o seu catálogo, e as editoras inteligentes como a Quetzal estão a aproveitar esta falha da Leya. Carlos da VF não se incomoda de todo com esta questão, visto ser para ele a prova viva de que a gestão da Leya não foi feita para o mercado editorial, já que só tem em conta os lucros e não a essência dos catálogos, o valor dos autores, o trabalho de uma vida. Já Francisco José Viegas, ex-secretário de estado da Cultura, ex-gestor da Quetzal e atual diretor da Revista Ler, chegou a reunir-se com Carlos da VF para preservar a sua amizade que vai para além da edição, perante a situação, que decorria à frente dos seus olhos, de o seu catálogo estar a ser completamente desmembrado e espalhado por diversas editoras, como a Quetzal de Francisco José Viegas. Esta editora, que é agora parte do Grupo Bertrand Círculo, que por sua vez faz parte do Grupo Porto Editora, é presentemente gerida por Lúcia Pinho e Melo, que já “roubou” do catálogo da antiga Teorema autores-chave como Roberto Bolaño, Martin Amis, W. G. Sebald ou Jorge Luis Borges. E tudo devido à apatia da Leya que não decide cobrir por cima a proposta que a Quetzal, agora protegida pelas finanças de um grande grupo editorial, apresenta aos agentes que detêm os direitos dos autores em

questão. Assim, a Teorema vai ficando oca do seu valor literário, sobrando poucas migalhas que lhe deem o brilho de outrora, já que até Vladimir Nabokov, uma das estrelas da Teorema, foi para a Relógio D'Água de Francisco Vale. Salvam-se as exceções de grandes escritores como Enrique Vila-Matas que, pela sua fidelidade e amizade pessoal ao editor, mudaram-se com ele para a Teodolito.

Até onde irá esta política cega de agrupamentos aglutinadores de editoras com gestões incultas e desinteressadas do produto que vendem, focadas apenas nos lucros de vendas de fáceis best-sellers? Ninguém o sabe. Uma coisa é certa: o carácter autónomo e, por conseguinte, corajoso dos editores independentes perante esta crise e estes gigantes da edição, foi outro critério para a minha escolha para estagiar com Carlos da VF. São editores como ele e Nelson de Matos (que também criou em 2007 a Nelson de Matos Edições, uma pequena editora de grande qualidade que se estreou com um inédito de José Cardoso Pires, cortesia da família do escritor) que provam que o selo mais importante na capa de um livro, na imagem da editora, é a coragem para publicar grandes livros que podem até vender menos que outros mas duram para sempre e não são bestas céleres, como diria Alexandre O'Neill, às ordens de gestores de cursos de banqueiros. Carlos da VF aborda esta questão da guilhotinagem dos livros na sua biografia quando fala da sua recordação de ter ido com Quino, o famoso escritor argentino criador da banda desenhada da *Mafalda*, também publicado na Teorema, assistir à destruição dos seus livros “(...)Era um dia de chuva e eu fui com o agente do Quino para o Cacém, para uma coisa que parecia um ferro-velho e que ficava mesmo ao lado do cemitério do Cacém. E vi destruir para aí uns três mil livros na máquina trituradora, uma coisa que me doeu na alma. (...) É evidente que o espaço custa dinheiro e que um livro que ao fim de dez anos não vende nada sai muito caro ao editor em termos de armazenamento. Agora, penso que as editoras devem reservar pelo menos uns cem exemplares de cada e que devem destruir os livros de acordo com as regras e os preceitos legais em vigor. O que é normal é que as editoras consultem o autor e lhe perguntem se ele quer comprar os livros que existem ao preço de custo. Cumpridos esses requisitos todos, entre os quais considero muito importante o de se guardarem pelo menos cem livros, porque a história da literatura é de tal forma que um livro que hoje não vende nada pode depois de amanhã ser um campeão de vendas, e porque se trata da memória cultural, penso que pode fazer-se o que é preciso. (...)” (Costa, 2013, p.7)

1.3 O Grupo Afrontamento

Ao contrário do Grupo Leya, a administração do Grupo Afrontamento, na pessoa de José Ribeiro, convida Carlos da VF a juntar-se ao seu Grupo e a criar uma chancela com relativa autonomia através de uma proposta amigável, flexível, informal (por telefonema) e acima de tudo cortês e sem contratos desrespeitosos. A Afrontamento já tinha uma relação amigável com Carlos da VF há alguns anos, ainda no tempo em que a editora da Afrontamento era Marcela Torres, e que evoluiu depois para uma grande proximidade comercial entre as editoras, dado que após a compra de uma tipografia pela Afrontamento, a quase totalidade dos livros da Teorema foi impressa nessa mesma gráfica, mas vejamos isto pela perspectiva pessoal do editor “(...) Em fevereiro, na Póvoa de Varzim [no festival *Correntes d'Escritas*], recebi aquele prémio da *Ler/Booktailors*. E quando estava lá, comecei a pensar que me apetecia continuar a ver aquela gente com alguma frequência. E um mês depois das *Correntes*, telefonaram-me da Afrontamento, o José Ribeiro, a propor que eu fizesse alguma coisa com eles, da maneira que eu quisesse. Eu disse-lhe que não queria mais empresas, nem sociedades, nem nada do género, mas que se ele quisesse, eu fazia uma chancela. E assim foi. (...) Bom, a minha relação com a Afrontamento é muito antiga. A Teorema e a Afrontamento foram criadas mais ou menos na mesma altura, em 1973, e houve sempre uma grande proximidade entre mim e as pessoas da Afrontamento, nomeadamente da Marcela Torres, que era a editora. A dada altura, a Afrontamento comprou uma tipografia e até eu ter vendido a editora, a maioria dos livros da Teorema eram feitos lá. Portanto, havia uma relação de amizade, e também uma relação comercial, e isso mantém-se. (...)” (Costa, 2013, p. 23)

A Afrontamento, que já editava livros dez anos antes da Teorema ter sido criada, isto é, desde 1963, é criada na continuidade da possante ação política dos católicos progressistas, muito ativos sobretudo depois da expulsão do Bispo do Porto, que é também a cidade que acolhe a sede desta editora. É hoje conhecida maioritariamente pela sua relevância no campo das Ciências Sociais e Humanas, apesar de possuir um catálogo muito diversificado que integra não só as já previsíveis obras de ficção, poesia e literatura infantil, mas também de arte

(fotografia, cinema, música), guias e manuais escolares de matérias tão abrangentes como a matemática ou a filosofia.

Relativamente à sua jovem chancela, a Teodolito, a Afrontamento detém as responsabilidades-chave de distribuição, *design* editorial, paginação, orçamentação gráfica e, por vezes, a da revisão. No campo de *design*, José Miguel, o tutor deste cargo na Afrontamento, é quase o braço direito de Carlos da VF, e é tão ou mais contactado que o diretor José Ribeiro nas matérias do quotidiano do trabalho editorial. Tudo o resto é deixado ao cuidado de Carlos da Veiga Ferreira, ou seja, a gestão, procura, escolha e análise de originais, manutenção das traduções e revisões, pagamentos e as contas da editora, as relações públicas com os agentes e editores estrangeiros.

Com um período quase idêntico ao tempo que Carlos da VF trabalhou com a Leya na antiga Teorema, a relação profissional da Teodolito com a Afrontamento tem tido um balanço bem mais positivo e as relações são muito mais amigáveis do que no caso inverso que se verificava na Leya.

Ao longo do meu estágio tenho tido oportunidade de travar conhecimento pessoalmente com José Ribeiro e José Miguel da Afrontamento, que conheci em dois lançamentos da Teodolito, na *Instalação do Medo* de Rui Zink e na *História dos Quartos* de Michelle Perrot, respetivamente (ver Anexo 1), e de que falarei adiante na secção correspondente. O contato por email tem sido mais ativo com o *designer* José Miguel, com quem tive ocasião de dialogar, por exemplo, para negociar um banner impresso e interativo que o autor Rui Zink solicitou à Teodolito para publicitar o seu romance na imprensa e nos *media*. É também o principal elemento intermediário de contato entre o meu estágio e o Grupo Afrontamento, a par, obviamente, de Carlos da VF. José Miguel é ainda responsável pela totalidade das capas da Teodolito.

Recentemente, no Correntes d'Escritas de fevereiro de 2013, Guilherme Valente, da Gradiva, velho amigo de Carlos da VF, chegou a lamentar-se junto do editor da Teodolito, pelo seu arrependimento de não ter sido ele a convidar Carlos para criar uma chancela na Gradiva, já que a Afrontamento, que se antecipou, tem provado que tomou uma boa decisão ao convidar o editor da Teorema para continuar o seu brilhante trabalho no seu grupo.

1.4 A Teodolito

E o que é um Teodolito? Trata-se de um instrumento astronómico e geodésico que, usado em diversas áreas como a navegação, meteorologia, ou mesmo topografia, é quase um descendente do astrolábio e serve para medir as distâncias e alturas zenitais, isto é, posições relativas. Antes de Ramsden ter inventado o teodolito em 1787, os árabes utilizavam o já referido astrolábio para medir ângulos no plano, ao nível do observador e dos objetos a medir. Muito pesado e de difícil leitura na sua estrutura original, foi no início da segunda década do século XX que Enrique Wild facilitou a leitura (que hoje é eletrónica) ao fabricar círculos graduados sobre vidro, para conseguir menor peso, dimensão e uma excelente precisão. No entanto, trata-se de facto de uma denominação algo estranha para uma editora, a não ser pela curiosidade de a letra inicial da palavra Teodolito ser idêntica à Teorema, o que faz com que o símbolo da Teodolito nas lombadas seja quase idêntico ao da Teorema, diferindo no facto de ter dois tês em vez de um, sendo um maior e outro menor. Carlos assume também que foi uma escolha quase automática na altura de pensar num nome para a nova editora, não só por lhe soar bem e saber o que é, como por ter a aprovação da maioria dos editores e agentes estrangeiros com os quais se cruzou desde a criação da Teodolito, dado ser a mesma palavra que designa este objeto em francês, inglês e espanhol.

É ainda o nome de um famoso livro, tão curto que é quase um conto, de Luís Pacheco, de 1962, editado pela Contraponto, a editora criada pelo irreverente escritor, e que já teve 9 edições desde então, com direito a prefácio de António Mega Ferreira na edição de 1990 (Breve Advertência À Leitora Desprevenida) e ilustrações de Luís Filipe Cunha. Não deixo aqui sinopses porque seria um insulto redutor ao boémio escritor da *Comunidade*, mas digo apenas que faz jus à sua fama de insurreição aliada a uma sensibilidade vadia como só Luís Pacheco dominava.

Existe ainda a famosa explicação para o nome, que Carlos apresenta regularmente como sendo uma história de Herberto Helder, o poeta recluso e amigo de Carlos: *“Havia um poeta meritório, que já morreu há muito tempo, chamado António de Sousa, e mostrou vários poemas ao Herberto Helder. A determinada altura havia um verso que dizia qualquer coisa ‘noite*

inconsútil’ e o Herberto perguntou-lhe: O poema é giro mas António você sabe o que é ‘inconsútil’? E o António respondeu: ‘Não sei nem me interessa mas é uma palavra muito bonita.’ Eu sei o que é um teodolito e foi por causa disso e também remete para um texto brilhante do Luiz Pacheco que se chamava O Teodolito’. Apesar de Carlos da VF me ter contado esta história, retirei esta citação do blogue “*duas ou três coisas*” do embaixador de Portugal em Paris, Francisco Seixas da Costa, também amigo de longa data do editor de quando este trabalhava no Ministério da Indústria (<http://duas-ou-tres.blogspot.pt/2011/12/carlos-da-veiga-ferreira.html>).

A chancela Teodolito foi criada quase por acaso já que após o polémico caso entre a Leya e a Teorema em finais de 2010, a vontade de Carlos era usufruir o resto da sua vida a fazer o que mais gostava: ler e ir ao cinema. No entanto, no Correntes d’Escritas de 2011 em fevereiro, na Póvoa de Varzim, Carlos da VF recebeu o Grande Prémio Especial de Carreira de Editor pela Revista Ler/Booktailors e, emocionado, proferiu aquela frase no seu discurso que ainda hoje é comentada com respeito no círculo editorial português: “Os editores, ao contrário dos cavalos, não se abatem”. Esse prémio, aliado à amizade que já desenvolvera com a tribo do livro ao longo dos anos dedicados à edição fizeram-no repensar o afastamento a que estava a pensar remeter-se. Quase como se fosse o seu destino, Carlos da VF recebe em março desse mesmo ano o tal convite de José Ribeiro da Afrontamento para criar uma chancela com toda a autonomia que desejasse. É assim que nasce a Teodolito, cuja estreia será no dia ideal, isto é, no dia 23 de abril de 2011, Dia Mundial do Livro, com o já tradicional lançamento do livro de contos *O Prazer da Leitura, Volume 4*, pela parceria da Fnac com Carlos da VF, desta vez já com o selo da Teodolito e que nesse ano, como sempre tem sido, reverte a receita das vendas para a AMI e onde se publicam alguns dos grandes nomes da literatura portuguesa da atualidade: Ondjaki, Afonso Cruz, Onésimo Teotónio de Almeida, Ricardo Adolfo e Dulce Maria Cardoso.

No entanto, a estreia oficial da Teodolito com uma obra independente será em outubro de 2011, ou seja, exatamente um ano antes de eu começar o meu estágio na editora, com o lançamento de dois livros, um de Enrique Vila-Matas (considerado um dos melhores escritores espanhóis vivos, com inúmeros prémios literários entre eles o Rómulo Gallegos 2001 e o Prémio Herralde 2002, definitivamente a atual estrela literária da Teodolito) e Atiq Rahimi

(vencedor do prêmio Goncourt 2008), nomeadamente o livro *Perder Teorias* e o *Maldito seja Dostoievski*, respetivamente. Para além destas três obras, durante o ano anterior ao meu estágio na Teodolito, Carlos da VF publicou ainda o livro infantil *Menino como Eu*, que já integra o Plano Nacional de Leitura como livro recomendado para o ensino básico, e que foi escrito pela sua esposa Luísa Lobão Moniz, com ilustrações da sua sobrinha Rita Moniz, cujas vendas são também solidárias para o IAC/SOS Criança; o *Terno Bárbaro* de Bohumil Hrabal, considerado o melhor escritor checo do século XX; *Os Dias do Arco-íris* (Prémio Iberoamericano de Narrativa Planeta-Casa de América 2011) do best-seller António Skarmeta, autor do *Carteiro de Pablo Neruda*; *Tirano Banderas* de Ramón de Valle-Inclán, cujo próprio Carlos da VF traduziu do original e no qual o ditador que dá o nome à obra, Tirano Banderas, é um verdadeiro arquétipo de figura do ditador com lugar central nas obras de García Márquez e Mario Vargas Llosa; o *Curso de Filosofia em Seis Horas e um Quarto* de Witold Gombrowicz, o livro da Teodolito que melhor vendia nas livrarias até eu chegar ao estágio e termos o *Instalação do medo* de Rui Zink, primeiro livro em que trabalhei, que o viria a substituir nesse feito. Este “curso de filosofia” do famoso autor da obra absurda *Cosmos*, um dos maiores escritores da literatura polaca (até não simpatizava nada com Jorge Luis Borges, o escritor preferido de Carlos da VF, aquando da sua estada na Argentina) vendeu muito dada a situação caricata que o seu título causou, já que muitos estudantes preguiçosos do ensino secundário apressaram-se a comprar exemplares para facilitar o estudo para a disciplina de filosofia na escola, pensando tratar-se de um daqueles manuais que resume toda a matéria, como aquela coleção de livrinhos de capa amarela e preta que antigamente resumiam as obras de leitura obrigatória, da editora com nome irónico Ideias de Ler. Como é óbvio não foi algo propositado e muitos estudantes ficaram certamente ainda mais confusos, já que a obra em questão não visa simplificar a filosofia ocidental, mas sim aprofundá-la, apesar de ter uma estrutura esquemática e sintética, que ainda assim não vai facilitar a vida a nenhum estudante do secundário. Finalmente, a última obra que Carlos da VF editou antes de eu chegar foi o *Desenhar o Vento* de Ernesto Ferrero, diretor do Salão Internacional do Livro, em Turim, e que narra a viagem de vida do escritor Emilio Salgari que, morto nessa cidade, é o famoso autor das aventuras de Sandokan que deliciaram a infância e adolescência de muitos jovens que viriam a tornar-se os grandes escritores da atualidade como por exemplo, no caso

português, António Lobo Antunes, que devorava as desventuras do Corsário Negro nas primeiras leituras dos seus verdes anos.

Tal como já referi *a priori*, quando comecei o meu estágio, Carlos da VF estava a dar início ao processo de publicação do livro de Rui Zink, a *Instalação do Medo*, como desenvolverei adiante. Com esta enumeração possivelmente cansativa do jovem catálogo da Teodolito concludo a minha contextualização para o meu relatório, e dou início ao relato em primeira pessoa do estágio em si, que se inicia em grande e com o pé direito na incrível experiência que foi a minha ida à Feira do Livro de Frankfurt, em outubro de 2012, como narrarei na contígua secção do relatório.

2. Feira do Livro de Frankfurt 2012

Exatamente 10 dias depois de me ter encontrado com Carlos da VF pela primeira vez no seu escritório para nos conhecermos e acertarmos os detalhes relativos ao estágio, este anunciou-me imediatamente aquilo que já previa: que o início oficial do meu estágio só poderia concretizar-se na segunda quinzena do mês; tencionava manter a tradição anual de ir à Feira do Livro de Frankfurt (tradição pessoal que remonta a 1990), a maior feira do género no mundo, dado o número de companhias editoriais presentes. Na altura senti arriscado fazer-lhe o pedido que já andava a formular há algum tempo, o de o acompanhar a uma Feira do Livro de Frankfurt. Um sonho para qualquer jovem aspirante a editor. Porém, tinha acabado de o conhecer e via-me como um entrave ou um fardo caso o acompanhasse à feira, dada a minha inexperiência. Mas aventurei-me e propus a minha companhia para me estreiar nestas andanças de editor. Para grande surpresa minha e também dele, já que Carlos da VF não estava certamente à espera que eu fizesse semelhante pedido, concordou e imediatamente agendámos o nosso encontro para dia 10, de manhã, já na Alemanha. Parecia tudo irreal, como se tivesse saltado inúmeras etapas de uma carreira de editor e fosse diretamente ao topo acompanhar as grandes figuras do xadrez editorial mundial, jogar na liga dos campeões dos editores sem passar por um simples torneio distrital. Mas assim foi e dia 9 parti de Lisboa em direção a Frankfurt sem saber minimamente o que me esperava. Um início perfeito para um estágio de edição. Na minha cabeça só conseguia repetir a frase com que Carlos da VF se despedira na nossa primeira reunião, lembrando o privilégio de que iria usufruir ao ser provavelmente o primeiro estagiário português a pisar a Feira do Livro de Frankfurt, ou quem sabe um dos mais jovens “editores” a visitar a maior Feira do Livro do mundo.

Infelizmente só consegui passar três dos cinco dias da feira na Alemanha, visto ter uma carteira demasiado curta para estas andanças, o que não me permitiu completar todo o programa da Feira do Livro de Frankfurt. Mas, como se sabe, os primeiros três dias são os mais importantes, já que são exclusivos para os agentes e editores mundiais e os de principal atividade em negócios, restando os dois últimos para o público em geral visitar a feira (apesar

dos editores e agentes poderem continuar a frequentá-la e a fazerem os seus negócios, obviamente).

A Feira do Livro de Frankfurt serve para inúmeros objetivos, mas visa essencialmente o negócio de direitos de autor internacionais entre as editoras, mais de 7000 em média, vindas de uma centena de países. Decorre sempre em meados de outubro e tem carácter anual. Apesar de se ter como data consensual de criação o ano de 1949, após a Segunda Guerra Mundial, o conceito da feira do livro de Frankfurt remonta já há mais de cinco séculos atrás quando, pouco depois da invenção da imprensa com tipos por Gutenberg, ocorreu em Mainz (muito perto de Frankfurt, Mainz foi também a cidade onde nasceu e morreu o inventor) a primeira feira do livro organizada por livreiros locais. E até ao final do século XVII foi esta a feira do livro mais importante da Europa. Foi de certa forma eclipsada pela Feira do Livro de Leipzig durante a era do Iluminismo, devido a certos desenvolvimentos políticos e culturais da história da Alemanha. Mas voltando à data consensual do início da Feira do Livro de Frankfurt, como hoje a conhecemos, em 1949 (quatro anos de recuperação germânica depois do fim da Segunda Grande Guerra), esta decorreu na Igreja de São Paulo no centro histórico da cidade banhada pelo rio Main. Durante a Segunda Guerra Mundial, a igreja foi totalmente destruída pelos aliados tal como o restante centro antigo de Frankfurt, sendo em redor dos seus fragmentos medievais e o que resta das suas fachadas, que decorreu a Feira na sua génese. É um edifício arruinado com grande importância para a cidade, um dos seus maiores símbolos, quase como o coração da cidade, histórico e municipal. Hoje é o local onde se entrega anualmente, por alturas da Feira do Livro, o Prémio da Paz do Comércio Editorial Alemão, que premeia personalidades que pelo seu trabalho literário, científico e artístico, contribuíram para a realização de uma ideia de paz, com o acréscimo de um prémio monetário de 25.000 euros. Outro prémio importante que é entregue durante o período da Feira é o Livro Alemão do Ano, recentemente criado em 2005, e que tem uma estrutura semelhante à do Man Booker Prize ou o Goucourt Prix e o mesmo valor monetário que o Prémio da Paz referido anteriormente. As editoras da Alemanha, Suíça e Áustria escolhem dois livros publicados no respetivo catálogo ou em vias de ser publicado pelas editoras, para os candidatarem ao prémio. Mas voltando à Feira do Livro atual, o seu significado comercial para o mundo editorial é fulcral visto ser um evento chave do marketing de lançamento de livros e na medida em que

facilita a negociação e venda de licenças de direitos de autor estrangeiros. Obtém-se toda a informação que estes negócios requerem, e a rede de negócios editorial nesta Feira engloba não só agentes e editores, como livreiros, bibliotecários, investigadores, ilustradores, realizadores e produtores de cinema à procura de obras para adaptações cinematográficas, tradutores, representantes de tipografias e gráficas, instituições culturais, escritores (claro), alfarrabistas e, mais recentemente, os agentes do advento do livro digital, Amazon, Google e Apple, por exemplo.

Desde 1976, a Feira tem um convidado de honra que merece um foco especial de interesse durante os dias do evento, pelo que é estabelecido um programa especial para a ocasião com leituras, galerias e exposições de arte, mesas de debate, teatro, rádio e até reportagens de vários canais de televisão. Durante dez anos, o convidado de honra não foi um país singular, como é atualmente, mais sim um tema, um escritor ou um conjunto de países, estreando-se esta tradição com a literatura latino-americana em geral como convidada. Porém, só em 1986 viria a ser definido como convidado um país em singular, sendo a Índia o país escolhido para iniciar este ciclo. O País convidado recebe ainda um espaço de exibição maior que o dos outros países e vê ultrapassar em número de editoras representadas todos os outros países. Portugal foi país convidado em 1997 e nesse ano visou abrir os caminhos da literatura portuguesa para o mundo como faria um ano depois na Expo 98 para a cultura e identidade portuguesa. O ano passado, em que estive presente, a Feira do Livro de Frankfurt 2012, que decorreu entre 10 e 14 de outubro, teve como convidado especial a Nova Zelândia cujo tema era “Enquanto você dormia” (*Bevor es bei euch hell wird/; While you were sleeping*), no entanto, com o desenvolvimento exponencial de aposta no mercado de edição que se tem vindo a estabelecer no Brasil, somado ao facto de ser o próximo país convidado para 2013 em Frankfurt, a verdadeira estrela da Feira que eu visitei foi a Literatura Brasileira, cujo destaque e dinâmica do programa de Feira justificam toda a atração e afluência que os seus eventos e editoras conseguiram; as mesas de negócio das editoras brasileiras nunca estiveram vazias. Mas vou desenvolver isso mais adiante.

A Feira do Livro de Frankfurt de 2012 e o seu país convidado de honra, a longínqua Nova Zelândia, foi eclipsada não só pela emergência da literatura brasileira e pelas suas conferências (apesar do interesse por autores neozelandeses ter sido visível no pavilhão que lhes foi

dedicado, denominado A Ilha), como pelo gigantismo indiano que reservou 60 expositores nas instalações visando rivalizar com a monstruosa máquina editorial e gráfica chinesa e, claro, a descomunal propaganda aos best-sellers dos vários países. Também as literaturas dos países emergentes tiveram o seu momento de fulgor, apesar de a sua maioria ainda ter muito para crescer tendo em conta o risco que o investimento em mercados editoriais emergentes, mas muito recentes, requer. No entanto, o auge de atenção concentrou-se no *StoryDrive*, o centro transmedia que difundia a adaptação de livros a filmes e videojogos e promovia a sua partilha, defendendo sempre o enredo como a premissa de que partem todas as evoluções e revoluções digitais que dele se possam criar. Este foco em multimédia (evidenciado pelo facto de a edição da Feira deste ano ter recebido o primeiro polo comercial transmedia) a qual é considerada por muitos, a par do *ebook* (cuja problemática dos preços esteve em discussão), o futuro da indústria editorial, já que se prevê que as adaptações de obras literárias ao cinema sejam só mais um caminho por onde a edição pode enveredar, sendo o dos videojogos o que está a ganhar mais terreno nos interesses das futuras gerações.

Isto remete-nos de imediato para a literatura infantojuvenil, outra das estrelas da Feira deste ano, onde a linha ténue que cada vez mais se desvanece e deixa de separar o ebook do videojogo demonstra o quanto os prismas da leitura estão a mudar e o conceito de interatividade está a esmagar o da imaginação. Também o turismo literário evidenciou a sua emergência dada a quantidade de programas e guias de viagem com bases literárias que a Feira apresentou. A temática dos blogues literários e das redes sociais também esteve em destaque, dada a relevância que hoje tem a comunicação editorial e a estratégia de promoção editorial e como esta depende do jornalismo e dos novos media. Obviamente, o ebook foi a palavra mais dita nos negócios dos grandes grupos editoriais e os debates sobre os novos formatos (ePub 3 e HTML 5) e conteúdos digitais tiveram também grande afluência, já que um bom domínio de todas as plataformas permite maiores vendas visto que um livro, uma vez escrito e publicado, pode ser assim distribuído para leituras nos mais diversos formatos, alargando assim a quota de mercado-alvo das editoras.

Quanto à minha impressão pessoal da Feira, ela foi marcada pela descoberta, não só de como funciona o universo editorial a grande escala, como do mundo do livro digital. Muito tinha lido e ouvido falar desta nova revolução, rival de Gutenberg, mas depois de assistir a algumas

conferências sobre o licenciamento de direitos digitais e sobre o marketing digital é que percebi que lentamente a esfera de negócios da feira baseada em compra e venda de direitos está a ser ultrapassada pela distribuição de conhecimentos digitais. A par das editoras e dos agentes editoriais, muitas eram as marcas que se apresentavam ao mercado visando apresentar protótipos digitais úteis para a estratégia multimédia editorial, desde aplicações que concebem conteúdo como as que incluem livros, sublinhando o crescimento deste novo mercado no campo da literatura infantojuvenil que como referi, tem sido aquele onde se tem investido mais a inovação.

Quando me encontrei com o editor da Teodolito no Pavilhão de Portugal, na manhã do dia 10 de outubro, primeiro dia da feira, o que ele me disse imediatamente era que notava o decréscimo de editores e agentes na feira, que lhe parecia muito vazia, o que ele conjecturou dever-se à crise europeia. No entanto, ao longo das nossas voltas pelo enorme recinto da feira (8 pavilhões, alguns deles com vários pisos, o que resultava numa imensa área de negócios, ao ponto de existirem vários autocarros com rotas que ligavam os diversos pavilhões) constatei que as conferências estavam sempre a abarrotar de audiência, e era preciso andar pelos corredores com cuidado, evitando o choque com as outras pessoas, pelo que eu fiquei a pensar que, se esta feira tinha menos visitantes, como teriam sido as dos anos anteriores. O stand da feira de Portugal, representado pela APEL, estava muito pobre: o design das instalações era o básico (prateleiras, mesas e cadeiras), pouco chamava a atenção e, das vezes que estive lá (já que era o meu ponto de encontro com Carlos da VF) raras vezes vi reuniões entre editores portugueses e estrangeiros. Estavam representadas em conjunto algumas editoras, com uma amostra dos seus livros, como a Gradiva, as editoras do Grupo Bertrand Círculo e da Porto Editora, a Verbo, a Presença, a Arcádia, a Athena, a Ática, a Bizâncio, a Centauro, a Corpos, a Dinapress, o Grupo Babel, a Plátano, a Guimarães, a Lidel, a Livros do Brasil, a Paulinas, a Paulus, o Instituto Piaget, a Principia, a Sete Mares, a Ulisseia e a empresa Turismo de Portugal que, a meu ver, foi a que teve mais movimento no espaço de Portugal.

Quanto ao destaque da Literatura Brasileira, esta teve o seu ponto alto no lançamento da revista *Machado de Assis – Literatura Brasileira em Tradução*, no dia 10 de outubro, a que tive o privilégio de assistir. A iniciativa foi apresentada por Galeno Amorim, Presidente da Biblioteca Nacional Brasileira e por Claudiney Ferreira do Instituto Cultural Itaú. A revista,

fruto da parceria público-privada entre a Biblioteca e outras instituições culturais brasileiras, vai já no seu terceiro número dedicado à literatura infantojuvenil e tem edição virtual trimestral e semestral na impressa. Teve na sua estreia a publicação de 22 autores brasileiros em inglês e espanhol. A presença alargada deste país nesta feira manifestou-se não só em conferências como na comitiva de 9 autores, a maior de sempre deste país, que representou o país na Feira com autores como João Paulo Cuenca e Andrea del Fuego (a mais recente Prémio José Saramago com a sua obra *Os Malaquias*), e no suplemento especial a que teve direito no *Show Daily*, a revista do evento, que tem uma tiragem de 18 mil exemplares e que é espalhada gratuitamente pelos visitantes da Feira. O site brasileiro *PublishNews* foi o responsável pelos conteúdos dos dois cadernos especiais, de oito páginas, que complementaram a revista, com dados sobre o mercado editorial brasileiro. Também são de destacar os 150 milhões de dólares que o Brasil gastou em negócios na Feira, sendo 116 milhões dos 150 para fins de negócios de direitos de autor. O Brasil, que se fez representar com 32 editoras e outros três pequenos projetos estreantes na feira, ampliando dessa forma por 50% o seu stand, tem ainda outros projetos para apostar no seu mercado editorial como o programa de bolsas para tradutores de literatura brasileira. É incrível a estratégia de promoção da literatura brasileira nestes últimos tempos visto que a par desta fantástica demonstração de dinâmica na Feira do Livro de Frankfurt, o Brasil também foi homenageado na Feira de Bogotá, na Colômbia, a maior feira do livro da América Latina, e já tem lugar de honra reservado para a mais importante Feira do Livro Infantil e Juvenil, em Bolonha, na Itália, em 2014. Saí da Feira com a certeza de que, se quiser tornar-me um editor ainda durante esta crise europeia, o mercado editorial brasileiro é, de facto, a melhor aposta para qualquer jovem editor, principalmente se partilhar da mesma língua materna, como é o meu caso.

Relativamente à minha experiência individual da feira, o meu percurso pautou-se maioritariamente pelas reuniões que Carlos da VF tinha agendado para os primeiros dias. A primeira foi logo com a Wylie Agency, que é liderada por Andrew Wylie, a quem chamam de Chacal nos círculos editoriais do mundo, pela sua imensa ambição que o levou a ter no catálogo da sua agência praticamente todos os grandes autores do século XX. Caí praticamente de paraquedas no topo da montanha dos agentes editoriais. São seus clientes por exemplo Martin Amis, Dave Eggers, Al Gore, Philip Roth, Salman Rushdie e o mais recente Prémio

Nobel da Literatura, Mo Yan. Mas o seu grande poderio está no controlo de todo o património literário de grandes vultos da literatura do século passado como Jorge Luis Borges, Saul Bellow, Vladimir Nabokov, John Updike, Jorge Amado, Roberto Bolaño, William S. Burroughs, Guillermo Cabrera Infante, Italo Calvino, Philip K. Dick, William Gaddis, Allen Ginsberg, Witold Gombrowicz, Tony Judt, Claudio Magris, V. S. Naipaul, Orhan Pamuk, W. G. Sebald, Maurice Sendak, Susan Sontag, Antonio Tabucchi, Hunter S. Thompson, James Wood ou Richard Yates. Volto a sublinhar que isto não é um simples catálogo de uma editora (o que já por si seria brilhante), isto é a carteira de clientes da agência. Todos os direitos dos livros pertencentes a estes escritores têm de ser negociados com a agência de Wylie para serem traduzidos. É um autêntico império literário. Apesar de ter tido oportunidade de cumprimentar Wylie, um senhor já idoso mas muito ativo, a nossa reunião foi com Charles Buchan, um dos empregados da agência, mais precisamente do seu ramo britânico com sede em Londres (a outra sede é nova-iorquina). O propósito da reunião, como o foi de todas as outras que se seguiram nesses dias, foi o de apresentar a Carlos da VF as novidades do catálogo, falar de livros que estejam a fazer sucesso no estrangeiro e tentar captar o interesse do editor, de forma a que seja acordado o envio de um exemplar para análise na editora para, caso seja do interesse do editor, proceder à negociação dos direitos da obra. Assim sendo, nas semanas que se seguiram depois da nossa ida a Frankfurt, o escritório de Carlos foi invadido com caixas de livros em diversas línguas, carimbados com o selo de exemplar para negócio, para que a Teodolito analise aqueles que quer publicar. O que implica muitas e muitas horas de leitura, e visto Carlos da VF pedir uma média de 5 ou 6 livros por agência e editora, e ter tido reuniões com mais de 25 instituições, entende-se bem a pilha de livros que uma editora tem de ler e posteriormente analisar a devida taxa de sucesso de vendas que estes possam ter no campo específico português. O maior trabalho da Feira de Frankfurt, mais do que a sua preparação, é o legado que as decisões que lá tomamos implicam em termos de tempo que teremos de dedicar a cada uma das resoluções que lá tomámos. Neste caso específico da reunião com Charles Buchan, e após a minha inocente descoberta de que a agência Wylie tinha os direitos das obras do meu escritor preferido, Roberto Bolaño, questionei imediatamente Charles sobre que autores tinham eles na agência semelhantes ao Bolaño e se porventura ainda havia obras livres do autor para traduzir (livres neste caso de possíveis

prévios acordos com editoras portuguesas para os direitos de certas obras). Um erro típico de aspirante a editor, optar de imediato por editar autores da esfera dos nossos interesses, o que por vezes entra em conflito com as nossas perspetivas de lucro. A Quetzal, que comprou os direitos de quase toda a obra literária de Bolaño exemplifica o caso hipotético de eu e Carlos da VF chegarmos demasiado tarde para fazer uma proposta, já que apesar de ser possível em certos casos apresentar uma proposta superior para rivalizar com a de outra editora, a lição essencial é que tempo é dinheiro na Feira de Frankfurt. As últimas editoras a reunirem-se com a Wylie ficam sem hipóteses de comprar os direitos dos melhores livros e autores ou arriscam pagar muito mais do que estavam à espera caso já tenha sido apresentada uma proposta por outra editora. Daí Carlos da VF ter agendado com muito tempo de antecedência a sua reunião com a agência Wylie como a primeira de todas do seu ocupado calendário para esses dias.

Outra lição apreendida de imediato nesta primeira reunião é que o editor deve ter um bom senso comum de mercado para escolher comprar autores e livros, pois apesar dos argumentos utilizados pelos agentes estrangeiros serem de facto muito convincentes, não basta a sua qualidade. Por exemplo Charles Buchan, nesta primeira reunião, tentou logo vender um peixe muito difícil, dado o seu tamanho, ao representante da Teodolito; era uma obra gigante de Karl Ove Knausgard em 6 volumes e que, apesar de estar a receber muito boas críticas lá fora e já ter sido comprada na Espanha pela Anagrama e no Brasil pela Companhia das Letras, foi recusada por ele. Isto porque o custo de editar seis volumes e o risco que lhe é inerente (o de comprar os direitos da obra completa e logo após a publicação do primeiro volume traduzido em Portugal se perceber que não vai vender nada, tendo agora os direitos para os restantes cinco volumes para usar já com expectativas de fracasso e vendas fracas) desincentivam de imediato uma pequena editora como a Teodolito para grandes pescas. Soube recentemente que a Ahab se aventurou na compra dos direitos das obras deste autor, em continuidade com a sua bússola apontada para autores nórdicos (Karl é norueguês) e temos agora que aguardar pelos bons ou maus resultados desta arriscada decisão por parte de uma editora independente, sem qualquer apoio de um grande grupo editorial para a sustentar caso as consequências desta audácia resultem desastrosas. Vejamos como é que os dois advogados que formam a Ahab vão delinear a estratégia de promoção dos livros para transformar uma plausível compra arriscada num possível sucesso de vendas. Quem sabe. Isto é o que diferencia os grandes editores dos

editores com grandes fortunas: o poder dar-se ao luxo de comprar autores e livros arriscados é bem mais fácil do que ter capacidade e conhecimentos para, no meio da avalanche de propostas, encontrar a agulha de ouro no palheiro de papelada.

Acompanhei Carlos da VF a outras reuniões e tive oportunidade de trazer para casa catálogos de diversas editoras espalhadas pelo mundo, não só como recordação mas para trabalhá-los, já que Carlos da VF me encarregou de os analisar e ver se algum seria de interesse para posteriormente lhe propor alguns títulos. Ter o privilégio de ver Carlos da VF cumprimentar com amizade, mais do que com profissionalismo, os principais editores e agentes mundiais fez-me ter orgulho na minha decisão. Tive o apanágio de me sentar, em reuniões informais e com elevada carga de troca de informação para registar, com diversos nomes da edição mundial, como foi o caso da escocesa Canongate Books (ficção e não ficção); a holandesa Dutch Foundation for Literature (não ficção); a agência espanhola Anne-Marie Vallat (a Feira tinha um pavilhão específico para os agentes editoriais no qual só se podia entrar com um cartão especial que provasse que a reunião tinha sido previamente marcada e reservada uma hora. Digo isto só para se compreender que lá fora o negócio do livro passa muito mais pelos agentes do que pelas editoras, ao contrário de Portugal que durante anos só teve um agente literário, o famoso Ilídio da Fonseca Matos que representa a agência Curtis Brown, com autores como Agatha Christie, Somerset Maugham e Goethe, apesar da recente criação de uma agência literária por parte dos Booktailors, a Bookoffice, que já alberga na sua agência jovens escritores como Afonso Cruz, Sandro William Junqueira ou Pedro Vieira). Estive ainda com os agentes literários e de cinema da inglesa Sheil Land Associates (Ficção literária e comercial e não ficção); as francesas Perrin (ensaio, história, autobiografias e álbuns) e a Actes Sud (literatura e ensaio) que infelizmente, para mim, apresentaram em francês a sua *rentrée* literária ao editor da Teodolito. (falha minha que, como diz Carlos, tenho mesmo de colmatar, já que qualquer editor que se preze domina pelo menos três línguas estrangeiras) ao contrário das reuniões que referi anteriormente, que se desenrolaram em inglês ou espanhol, que são as línguas estrangeiras que atualmente domino.

Ainda em relação ao universo dos agentes literários e da visibilidade internacional da literatura portuguesa na Feira do Livro de Frankfurt, é imprescindível ler o capítulo dedicado a esta matéria no Inquérito ao Setor do Livro (Parte I) coordenado por José Soares dos Neves (que

chega mesmo a apresentar várias respostas de diversos agentes espalhados pelo mundo relativamente à presença portuguesa nos negócios do livro) quando diz “(...) *os agentes literários assumem um papel privilegiado no que diz respeito à internacionalização das obras e autores. Intermediários ligados à proteção da propriedade intelectual (por eles passam os contratos de direitos, onde constam cláusulas, modalidades de pagamento e demais opções), exercem também funções de seleção ou gatekeeping, atuando enquanto descobridores de talentos ou obras a importar e exportar. (...)*” (Neves, 2012, p. 281). Nesta obra revela-se que é necessário investir na formação de mais agentes literários portugueses, mais apoios à tradução de forma a alimentar a internacionalização dos autores portugueses pois neste momento “(...) *nos mercados internacionais do livro predomina, grosso modo, a oferta anglo-saxónica, a pouca tradução de obras de autores portugueses/lusófonos em inglês ou dificuldades que se colocam à tradução de obras em português devido à quase inexistência de leitores de português nas editoras. (...)*” (Neves, 2012, p. 285).

Outros pontos altos da Feira do Livro de Frankfurt foram o meu encontro com a carismática agente literária Mònica Martín Berdagué, que representa essencialmente autores espanhóis e catalães importantíssimos para Carlos da VF como Enrique Vila-Matas, Ignacio Martínez de Pisón, Marcos Giralt Torrente; ter-me cruzado com Guilhermina Gomes, diretora do Círculo de Leitores e da Temas e Debates do Grupo Bertrand Círculo, e com Alexandre Vasconcelos e Sá, que tinha acabado de sair da Objetiva depois de ter contratado autores como Valter Hugo Mãe e Afonso Cruz e que estava na Feira a fazer as primeiras compras da sua recentemente criada editora, a Divina Comédia, que se estreou em grande com o Prémio Nobel da Literatura Mo Yan (curiosamente anunciado durante a Feira do Livro de Frankfurt, o que provoca sempre uma movimentação apressada e uma avalanche de reuniões marcadas à ultima hora com o agente do escritor surpresa transformado em poucos segundos na nova estrela da Feira). Alexandre Vasconcelos e Sá encontrou-nos aos dois na feira e contou a história curiosa de como ele se revia na minha posição, já que alguns anos antes, também Carlos da VF tinha sido o seu mentor na Feira do Livro de Frankfurt quando ele próprio tinha sido enviado pela sua editora de então para a Feira sem que ninguém o orientasse, revelando que seguira Carlos para todo o lado (como eu estava a fazer) para aprender com um dos melhores.

Tal como já declarei, o meu escritor predileto é Roberto Bolaño pelo que o clímax da minha curta experiência em Frankfurt foi, de facto, o meu encontro com Jorge Herralde da Anagrama, o primeiro editor e amigo íntimo de Bolaño. Apesar de Carlos da VF só ter reunião marcada com Herralde para depois da minha partida para Lisboa, tive a sorte dele me apresentar ao editor que já tem um dos prémios literários espanhóis mais importantes em seu nome (Prémio Herralde, entregue anualmente desde 1983). O fundador da Anagrama, em 1969, que tem na sua editora muitos dos autores que Carlos da VF publicou na Teorema, como Martin Amis, Patricia Highsmith, Bret Easton Ellis ou Enrique Vila-Matas, é igualmente uma inspiração para mim. Foi um privilégio tê-lo conhecido. Foi algo que, penso, de outra forma nunca teria acontecido.

Finalmente a melhor recordação física que trouxe de Frankfurt, para além dos catálogos e dos cartões de muitos editores como o de Charles Buchan da Wylie, ou Virginia Ascione da Sheil Land Associates, para futuros contactos, foi um exemplar do New York Review of Book com a sua edição especial dedicada à Feira do livro de Frankfurt, uma pérola para guardar juntamente com toda a experiência que adquiri.

Assim, quando regresssei a Portugal e comecei definitivamente o meu estágio no escritório da Teodolito, estava motivado para aprender com Carlos da Veiga Ferreira tudo o que conseguisse assimilar para um dia ser um dos grandes editores, como os que conheci na Feira do Livro de Frankfurt 2012.

3. Comunicação Editorial

Como se sabe, hoje a comunicação editorial é uma das áreas mais relevantes, direi mesmo vital, para o sucesso de uma editora. Esta vertente da profissão editorial remete-nos de imediato para funções de gestão estratégica no campo da edição, para conceitos técnicos como a cadeia de valor do livro. A função essencial da comunicação editorial é promover uma determinada obra visando uma boa percentagem de vendas que produza um lucro que sustente o investimento nela aplicado. As metodologias e instrumentos são hoje muito diversificados, dada a variedade de ferramentas ao alcance de um editor desde as mais comuns, como os comunicados de imprensa, às mais modernas que variam entre as passivas e as ativas, dependendo de uma estratégia mais inativa que implica uma inocente integração no meio onde visa trabalhar ou uma mais dinâmica que envolve uma interação para marcar um lugar no ambiente que a comunicação permitir. Tive o privilégio de trabalhar nas diferentes vertentes da comunicação editorial e, apesar de não ter sido a tarefa mais relevante, em termos de interesse, que desenvolvi ao longo do meu estágio na Teodolito, foi certamente a que me ocupou mais tempo. Refiro-me ao meu trabalho, ao longo destes meses de mestrado, como gestor (a par de Carlos da Veiga Ferreira e mais tarde de Maria Manuel, escritora e tradutora) da página oficial do Facebook da Teodolito, criada por mim logo no primeiro dia de estágio, depois do nosso regresso de Frankfurt. Na altura, perguntei logo a Carlos da VF se gostaria de criar uma página da chancela, já que durante o verão, depois de fazer uma breve pesquisa sobre a Teodolito, descobri que a chancela tinha uma boa empresa de distribuição (encontrava livros da Teodolito em todas as livrarias, desde as das grandes cadeias às independentes, por vezes em destaque) que neste caso se trata da distribuidora do Grupo Afrontamento, a Companhia das Artes, a qual tinha ainda um impacto proeminente na imprensa dedicada aos livros já que as obras publicadas por Carlos da VF, antes da minha chegada, tinham sempre direito a recensões dos principais críticos literários portugueses nos círculos de apreciação literária fundamentais, desde os suplementos dos jornais (Atual do Expresso ou Ípsilon do Público) aos programas de televisão (Câmara Clara da RTP2 ou Ler +, Ler Melhor também da RTP) e ainda nos blogues mais seguidos pela comunidade de leitores (Bibliotecário de Babel

ou Cadeirão Voltaire) e sempre com críticas positivas, mas faltava qualquer coisa, uma integração no novo mundo da comunicação editorial que pressupunha uma maior aproximação entre o editor e o leitor; faltava o elo de ligação que relacionasse íntima e informalmente o produto com o público. Faltava criar fidelidade no público-alvo, formar um sentimento de comunidade entre os leitores da Teodolito. Faltava uma página oficial da editora, onde todos se pudessem reunir. Sendo Carlos da VF um homem pouco dado a tecnologias, nunca tinha tido grande interesse no Facebook, mas assim que lhe apresentei os benefícios que podíamos adquirir com a criação de uma página da Teodolito nas redes sociais com conteúdos atualizados regularmente, onde se comunicassem os eventos que fôssemos criando para aumentar a adesão aos mesmos e até colocar os recortes de imprensa relativos a livros da Teodolito, ele acabou por concordar. Assim, criei uma página da Teodolito com as informações essenciais, largamente anunciada na internet pelos blogues dos livros nacionais, nomeadamente no *Blogtailors* de Paulo Ferreira, no *Bibliotecário de Babel* de José Mário Silva, no *Cadeirão Voltaire* de Sara Figueiredo Costa. Isto porque na altura de o lançar, planeei coordenar a criação da página com o lançamento do livro do Rui Zink, *A instalação do medo*, que foi o primeiro evento com que trabalhei quando comecei o estágio. Depois de Carlos da VF me ter encarregado de criar os convites para o lançamento do livro de Rui Zink, que decorreu na livraria da Fnac dos Armazéns do Chiado, de termos organizado em conjunto uma lista de contatos dos principais agentes da imprensa geral e dos círculos da imprensa específica do mercado livreiro e editorial, enviei o convite para o lançamento, anexando outro convite para visitarem a página recém-criada da editora, o que resultou na já referida referência à página nos principais blogues e um crescimento exponencial de seguidores da página em poucos dias. Hoje estamos perto dos 500 seguidores, algo que para uma pequena editora, e em poucos meses, é um grande feito.

Na altura em que delinee a página oficial da Teodolito ponderei a criação de um twitter depois de ter pesquisado a metodologia das editoras estrangeiras e nacionais nas suas páginas no facebook e com as outras plataformas da internet para promoverem os seus livros. Mas cheguei à conclusão que o twitter seria desnecessário por duas razões: primeiro porque constatei que a adesão ao Twitter em Portugal é muito menor do que se observa nos outros países, sendo o facebook muito mais utilizado pelos internautas portugueses. Segundo, porque

colocar os conteúdos dispersos pelas duas plataformas podia igualmente espalhar a comunidade pelas duas hipóteses encurtando o número de seguidores em cada uma delas. Por isso decidi-me pelo foco numa só plataforma de comunicação em termos de ambiente digital. Posteriormente, ponderei igualmente a criação de um blogue para a Teodolito visto que, neste caso específico, é uma plataforma tão ou mais utilizada que o facebook pelas editoras e porque permite uma maior individualização que as páginas do facebook, submetidas a limites restritos impostos pelo sítio na internet. A blogosfera é hoje uma das principais ferramentas da comunicação editorial e os conceitos e noções para evitar os erros mais usuais (como o controlo de informação) e construir uma estrutura de sucesso para um blogue editorial já estão disseminados. Editoras de sucesso como a Quetzal têm um blogue que funciona sintonizado com o seu site oficial no sítio do Grupo Bertrand Círculo e a página oficial da editora no facebook (que já ultrapassou os 2.000 gostos). Infelizmente não levei avante a criação de um blogue para a Teodolito por falta de tempo, mas mais para a frente, caso o tenha, talvez me dedique a criar um blogue para a editora do editor da Teodolito, com notícias e conteúdos diários sobre os autores e os livros do catálogo. A diferença entre a Quetzal e a Teodolito, isto é, a diferença entre uma editora num grande grupo com enorme projeção e uma recém-criada chancela de um grupo com muito menos poder que o do gigante Porto Editora (que tem o igualmente grande Grupo Bertrand Círculo) também justifica que, por enquanto, uma página do facebook seja suficiente para os objetivos mais urgentes da editora, que é dar-se a conhecer ao seu ainda pequeno grupo de leitores (que ronda os tais 500, que já mencionei, no momento em que escrevo este relatório). Daí que a criação de um blogue seja uma tarefa a ser cumprida mais para a frente, quando a jovem chancela tiver mais reconhecimento.

A página do facebook da Teodolito serviu até agora essencialmente como relações públicas da editora já que, a par de apresentar as informações gerais da editora, anuncia em primeira mão os principais eventos que a editora vai organizando para cumprir o seu objetivo de expansão. Deste modo vamos colocando no facebook notícias da planificação do catálogo e os próximos autores e obras que planeamos publicar, divulgamos convites para os lançamentos dos nossos livros mais recentes colocando *a posteriori* resumos e fotos do evento para quem não esteve presente, encontrando-nos sempre atentos às sugestões da comunidade de forma a avaliar se os resultados dos nossos eventos correspondem aos custos que a logística de toda a organização

acarretou. O resultado tem sido extremamente positivo, já que é notório que desde a criação da página do facebook, o livro que começámos por anunciar do Rui Zink é já o maior sucesso de vendas da Teodolito desde a sua criação, como comprovámos nos sítios online de várias livrarias. É também a obra mais falada e discutida do pequeno catálogo da editora na internet e nos jornais desde que começámos este fortalecimento da comunicação editorial.

Como se compreende, a gestão da comunicação editorial da Teodolito ocupou a maior parte do meu tempo no escritório de Carlos da VF, visto que o trabalho prático que esta implica leva o seu tempo, nomeadamente a produção dos planos de comunicação dos lançamentos das novidades e, principalmente, a manutenção e dinamização da página com iniciativas como passatempos e promoções e o destaque das recensões que fomos recolhendo da imprensa a obras publicadas pela Teodolito. Vou aprofundar cada uma das vertentes deste trabalho prático, em primeiro lugar os passatempos que fomos realizando e que, passe a modéstia, também foram iniciativa minha, inspiradas na pesquisa que fiz das estratégias de comunicação de outras editoras no facebook. Realizámos até ao presente cinco passatempos que se baseiam em estruturas simples como a de colocar uma questão sobre uma determinada obra do catálogo, ou colocar uma citação de um livro da Teodolito para o leitor identificar a fonte, o prémio é quase sempre o envio de um exemplar de um livro do catálogo ao primeiro a responder acertadamente ao passatempo. No último passatempo, visando o aumento dos nossos seguidores da página, decidimos premiar com vários livros, nossos e estrangeiros, num passatempo especial assim que atingíssemos os 450 *gostos* no facebook. Queria deixar aqui bem patente que, pessoalmente, não sou grande fã do facebook e destas realidades atuais dos *gostos* e dos fãs das páginas, mas isto é trabalho e uma boa ferramenta para angariar novos leitores e fazer uma promoção mais abrangente dos livros da Teodolito.

No entanto, em termos de trabalho prático na página da editora no facebook, destaca-se a recolha e seleção de recortes de imprensa com críticas e recensões a obras da Teodolito para colocar na internet. Tal como referi anteriormente, comecei por organizar uma lista de jornalistas e dos *media* após ter chegado à conclusão, com Carlos da VF, de que o nosso público-alvo tinha que ser duplo: tínhamos de comunicar com os leitores e os jornalistas. Daí o lançamento conjunto da divulgação da página do facebook e do envio de um convite para o novo livro da editora. Debrucei-me sobre o pequeno mundo dos meios de comunicação social

em Portugal, estudei os hábitos e tendências das outras editoras e realizei um retrato geral do universo jornalístico nacional na forma de lista de contactos que já referi, começando por pôr em prática este método de comunicação editorial. Procurei trabalhar com as principais redações dos jornais e revistas onde os grandes críticos literários trabalhavam, de forma a distribuir de forma eficaz a informação dos novos livros da Teodolito. Não queria cometer alguns erros que acabei por cometer, nos pequenos detalhes, como a prática inicial de mandar os convites e os ficheiros dos livros em anexo em vez de fazer de forma a que os convites abrissem logo quando os jornalistas abrissem o email. Acabei por tomar conhecimento do erro flagrante que é estar à espera que a redação de um jornal ou um crítico tenha muito tempo para abrir um email, transferir o anexo e depois abri-lo. Tinha de ser mais eficiente. Decidi passar a colocar nas minhas mensagens a informação em primeiro plano. O editor ajudou-me a seleccionar os jornalistas, revistas, rádios, televisões e sites da internet para servirem de contactos para o meu plano de comunicação editorial da Teodolito, visto que ele já tinha um público-alvo em mente, não só dos leitores que liam os seus livros, mas principalmente dos críticos com que já desenvolvera uma boa relação profissional e de amizade e que dariam mais atenção e projecção aos nossos livros. E tive a sorte de estes coincidirem com as principais peças do xadrez da imprensa jornalística dos livros no país, o que facilitou imenso o meu trabalho. Os frutos rapidamente se fizeram sentir nas várias abordagens que fomos recebendo dos jornalistas que tinham lido o nosso livro (neste caso não só a *Instalação do medo* do Rui Zink como posteriormente a *História dos Quartos* de Michele Perrot e outros anteriores ao meu estágio, como o *Ar de Dylan* de Enrique Vila-Matas) na forma de críticas, na sua maioria muito positivas, na inclusão de livros da editora nos melhores do ano (2012, *Ar de Dylan* na Revista Ler) e destaques dos nossos autores e livros em entrevistas e artigos escritos propositadamente para as nossas obras, assinados por nomes de relevo como Sílvia Souto Cunha (Visão), Inês Pedrosa (Público e Sol), José Mário Silva (Atual/Expresso), Lucinda Canelas (Público), Dóris Graça Dias (Revista Ler), Sara Figueiredo Costa e João Morales (Time Out Lisboa), Miguel Real (Jornal de Letras), Isabel Lucas (Público), entre outros.

O uso do facebook pela Teodolito para as suas estratégias de comunicação editorial vem confirmar o que diz José Afonso Furtado no seu *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica* da Booktailors quando afirma que são estas novas tecnologias que o editor tem de acompanhar

para fomentar a sua capacidade de comunicação e para encontrar o seu nicho no competitivo mercado editorial, “(...) *A lista de possíveis sistemas de criação de valor inovadores poderia ser ainda mais prolongada, já que as evoluções tecnológicas deram azo a uma enorme gama de oportunidades estratégicas no setor editorial. (...) Assim, a introdução das novas tecnologias abre aos editores tradicionais uma série de oportunidades de alargamento do business e de identificação de segmentos de mercado para onde transferir conteúdos informativos. Num contexto em que crescem vertiginosamente quer a quantidade de informação disponível quer a variedade de canais em que esta pode ser distribuída(...) os editores aguardam com muita atenção, e não menor preocupação, as evoluções em curso. (...)*”. (Furtado, 2009, p. 296-297).

4. Procura e Estudo de Livros em Catálogos Estrangeiros

Uma das atividades que me deu mais gozo foi a procura de livros em catálogos de editoras estrangeiras, que nunca tivessem sido traduzidos para português, e que se enquadrassem no catálogo da Teodolito, em continuidade com o semelhante catálogo da Teorema. Esta não foi uma tarefa que me foi encarregue por Carlos da VF mas antes o resultado de umas pesquisas que fui realizando sem compromisso, ao que Carlos da VF me aquiesceu com a sua permissão, encorajando a minha autonomia de editor. Algumas vezes acontecia falar-lhe de um livro que tinha andado a ver e me parecia interessante, e que acabava por cativar Carlos da VF também, levando-o a encomendar um exemplar para análise depois de contactar a editora ou agente que detivesse os direitos da mesma. O meu critério de pesquisa era muito variado e não respondia a restrições, tentava simplesmente confluir os meus gostos com aqueles que eu sabia serem de Carlos da VF. Deste modo, do sistema esquemático que ligava Jorge Luis Borges, Italo Calvino, Mario Vargas Llosa, Roberto Bolaño, Martin Amis, Enrique Vila-Matas, Vladimir Nabokov e outros, cheguei a livros tão variados como uma biografia de Roberto Bolaño escrita por Cristina Zabalaga denominada *Pronuncio un nombre hueco*, publicada pela editorial Gente Común. Editada no país de nascença da autora, a Bolívia, tive a sorte de descobrir que esta morava presentemente em Portugal e que tinha desenvolvido um atelier de criação fotográfica, uma das paixões da artista, na Casa da América Latina, localizada em Lisboa perto de Alcântara. O livro em questão até já está disponível para venda na Amazon e para os seus Kindle. Depois de tomar conhecimento que a autora tinha-se inspirado não só na obra do biografado, como na de Jorge Luis Borges, David Foster Wallace, Fernando Pessoa, Antonio Tabucchi e Ondjaki pareceu-me uma boa aposta de leitura visando uma possível tradução e publicação. O título, que remetia para o título de um poema de Bruno Montané, poeta chileno e amigo íntimo de Roberto Bolaño e que aparece sob a forma de um personagem numa das melhores obras de Bolaño, *Os Detetives Selvagens*, (publicado pela Teorema e traduzido por Miranda das Neves, tradutora que tive a oportunidade de conhecer no estágio) com o nome de Felipe Muller, algo que o escritor confirmou. No entanto, o mais importante neste caso foi a responsabilidade que Carlos da VF delegou em mim já que, depois de eu ter

tido um contacto prévio em que questioneei a escritora se estaria disponível para enviar um exemplar a Portugal e de Carlos da VF ter finalmente enviado um email para manifestar o seu interesse na obra e pedir um exemplar para análise, responsabilizou-me para avaliar se o livro teria potencial para ser traduzido e publicado pela Teodolito. Foi o que fiz, e após ter lido a obra original em espanhol boliviano (e ter encontrado algumas dificuldades em compreender este espanhol em particular) cheguei à conclusão que talvez não fosse material para a Teodolito. Não que a obra não tivesse qualidade, muito pelo contrário, destacava-se pela sua originalidade e criatividade ao narrar a biografia de Bolaño, algo romanceada, de uma forma dispersa, semelhante ao estilo destroçado dos *Detetives Selvagens*, com vários saltos cronológicos. Saltando do México, para o Chile e para a Costa de Barcelona, em Blanes, onde morou e morreu Bolaño, a obra destaca-se por não ser maçadora e homenagear a figura em questão com um estilo muito semelhante ao de Bolaño. Mas não se encaixava no catálogo do editor, não só pela raridade de biografias que este contém (refiro-me obviamente ao da Teorema, já que na Teodolito são inexistentes) mas por ser claramente um livro que não venderia por aí além. O lançamento e crítica entusiástica ao 2666 criaram uma comunidade de fãs de Bolaño mas isto já decorreu no distante ano editorial de 2008 e poucos seriam os leitores verdadeiramente admiradores de Bolaño para quererem ler uma biografia. O género biográfico já por si vende pouco nas livrarias e quando vende é sempre porque remete para uma figura histórica amplamente conhecida, principalmente polémica. O caso de uma autobiografia seria evidentemente diferente. Uma autobiografia de Bolaño seria certamente um livro excelente e ainda venderia bem em Portugal, se lhe fosse anexada uma boa campanha de promoção. Mas um livro, vindo de uma escritora desconhecida em Portugal e na Europa, que narra a vida de um escritor que não é assim tão conhecido e cuja morte é demasiado recente (2003) para o mitificar ao ponto de vender como pãezinhos quentes fez com que ficasse de pé atrás, por muito que me custasse. Depois de o transmitir a Carlos da VF e de este dar ainda uma vista de olhos à obra, foi comunicada à autora a nossa infeliz recusa do seu livro. Certamente, uma das piores funções de um editor. Fica, no entanto, a experiência. Outros exemplos desta função de espião de livros se seguiram, no sentido de ser crucial o facto de um editor descobrir um bom livro no estrangeiro antes de outro do mesmo país e de tal trabalho distinguir os bons editores daqueles que esperam pelas notícias de recentes

sucessos de uma determinada obra no estrangeiro. É necessário ter olho, tato e intuição, como diz Carlos da VF, pois são os únicos fatores que podem antecipar a escolha de um livro para editar antes de este alcançar a fama e sucesso que lhe podem ser prometidas. O exemplo que tenho mais à mão para exemplificar esta temática é também o mais conhecido, o de J. K. Rowling, que depois de tantas editoras recusarem o primeiro volume da sua série Harry Potter acabou catapultada para a escritora que mais vendeu nas últimas décadas. É curioso que Carlos da VF teve, em 1998 aquando da sua ida anual à Feira do Livro de Frankfurt, a oportunidade única de ser o editor português da série de J. K. Rowling. No entanto, aquando da sua reunião de compra de direitos, e da leitura posterior de parte do livro em inglês, achou que se tratava de um livro com potencial mas que a quantidade exorbitante de páginas num livro dedicado a crianças inviabilizava qualquer lucro sustentável de vendas. Daí que tenha optado por não comprar os direitos, algo que a Presença viria a fazer. Fosse de outra maneira e a história da edição portuguesa teria sido diferente. É realmente uma das mais antigas maldições do mercado editorial, o de sofrer-se o arrependimento tardio de ter recusado um autor que vemos agora estar a dar fortunas a outro editor, que poderíamos ser nós.

É óbvio que não conseguirei dominar esta função com um simples estágio mas, como disse, tive outras hipóteses para pesquisar livros em catálogos estrangeiros, o que pressupunha um trabalho prévio de delinear as balizas e condicionantes para o universo de escritores e livros que pretendia, este foi o meu maior trabalho de casa ao longo do estágio. Foi assim que levei diversas hipóteses ao editor da Teodolito como a *Une Vie de Pierre Menard* de Michel Lafon da Gallimard que inventava também uma história de vida para o famoso protagonista do conto de Jorge Luis Borges, sobre o homem que queria reescrever o Dom Quixote palavra por palavra, e cuja leitura acabou por ficar aquém das nossas expectativas, como concluiu Carlos da VF; outro livro foi o *El fator Borges* de Alan Pauls da Anagrama, um livro com pequenos ensaios sobre a leitura do gigante Jorge Luis Borges e que revela novas leituras e perspetivas de uma obra que parecia já ter dado tudo a conhecer; outro ainda do catálogo de Herralde (que muitas vezes li e reli, como fez Carlos da VF em anos passados, já que foi um dos catálogos que mais inspirou o da Teorema, a par do Tusquets e outros) foi o *Fiesta en la madriguera* de Juan Pablo Villalobos que posteriormente vim a descobrir que Carlos da VF já tinha no escritório numa das enormes pilhas de livros que ele tem para ler e analisar, e que num registo

genial conta a história do menino Tochtli que quer um novo animal para a sua coleção zoológica privada: um hipopótamo anão da Libéria, o que o levará a uma viagem sangrenta e delirante para cumprir este pequeno capricho e que também está fortemente influenciado pela tendência violenta da literatura de Bolaño; outra obra foi a *La velocidad de las cosas* de Rodrigo Frésan da já referida Tusquets; este escritor, que já fora traduzido pela Cavalo de Ferro com o seu *Jardins de Kensington* (que eu lera e adorara mas que aparentemente não vendera) merecia a meu ver mais obras suas traduzidas em Portugal, e podia interessar a Carlos da VF e a mim visto o seu estilo e temas oscilarem entre o universo de Borges e Bolaño. No entanto, tratando-se o presente de um livro de contos (vendem tanto como a poesia, isto é, muito pouco) também acabou por ficar-se pela intenção.

Outra estratégia, de que muito me orgulho, mas que acabei por não aprofundar tanto como desejava, foi a de procurar encontrar aquilo que todo o editor almejava: um jovem escritor em ascensão (no nosso caso específico, português) que começássemos a publicar desde a sua primeira obra e que acompanhássemos na sua escalada para a maturidade literária gloriosa. Lembrei-me do concurso que a Revista Ler tem atualmente para festejar os seus 25 anos de publicação, nomeadamente o 15/25, em que escritores com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos escrevem um texto com limite de 3.000 caracteres e enviam para a revista, onde serão revistos pelo júri que escolhe um vencedor todos os meses, visto a revista ser mensal. Assim, fui comprando todas as revistas desde que o concurso começara e fui levando a Carlos da VF, mostrando-lhe os vencedores e aqueles que, apesar de não terem ganho, pareciam ter algum potencial para (isto num plano já avançado) contactar e perguntar se não teriam algo escrito completo e com maior dimensão, para um possível envio em forma de manuscrito para a Teodolito analisar. Pareceu-me um plano excelente, mas infelizmente foram-se metendo pelo meio as tarefas diárias e prioritárias da editora que nos foram afastando desta estratégia de descoberta de talentos, que acabou por morrer na praia. Talvez no futuro ainda possamos regressar a esta estratégia.

Concluindo, esta foi uma das funções que mais gostei de desenvolver já que penso ser a responsabilidade e a regalia máxima de um editor descobrir novos livros e novos escritores. É talvez a única oportunidade que um editor tem de misturar o seu trabalho com o de um crítico literário na imprensa, de ler as obras com um olhar crítico e avaliador, que as duas profissões

partilham ou, como diz Francisco Vale da Relógio D'Água na sua obra *Autores, Editores e Leitores*, quando fala do papel da crítica e dos males comuns de que esta sofre “(...) o crítico não é um «batedor» encarregado de uma primeira leitura e cuja legitimidade lhe adviria de uma maior familiaridade com os livros. (...)” (Vale, 2009, p. 75). Esse é o trabalho do editor, não esqueçamos. O editor é sempre o primeiro leitor. E também lembrar que o trabalho amargo do editor, quando por vezes lê uma grande obra de literatura mas sabe que não vai conseguir vender quase nada com ela, e é igualmente trabalhada pelo editor Francisco Vale quando fala da vida difícil dos bons livros e da responsabilidade da falta de bons livros ou abundância de maus no setor, “(...) É evidente que a «fuga em frente» de alguns editores leva a que livros de qualidade fiquem submersos nas estantes das livrarias, que tendem por isso a encurtar os «prazos de devolução». Há mesmo grupos editoriais que praticam deliberadamente esse excesso de produção para asfixiar concorrentes. (...) Por sua vez, os livreiros tentam impor condições que dificultam a vida às editoras mais exigentes, aumentando as «margens», exigindo pagamento de espaços e montras, cobrando a publicidade nas suas brochuras (...) Os livreiros são ainda responsáveis pelo facto de qualquer «livro televisivo» ter asseguradas as melhores montras, independentemente do que venha lá escrito – só isso explica que «o livro mais esperado do ano» possa ter uma autora insuspeita de «antecedentes» de escrita. Mas se as livrarias ajudam ao eclipse dos livros de referência, a verdade é que são sobretudo a sua expressão visível no término de um processo. Afinal quem publica os maus livros são os editores e quem faz as capas com letras douradas em relevo são os designers. E são os autores quem escreve essas obras e aprova as capas. E tudo isso porque há leitores que os procuram. (...)” (Vale, 2009, p. 83). Finalizando, o que aprendi foi que o editor não trabalha para si, trabalha para os leitores que pode ter. O livro biográfico sobre Bolaño era muito bom, houvesse leitores para ele.

5. Lançamentos

Ao longo do meu estágio tive a oportunidade de trabalhar em três lançamentos com a Teodolito, nomeadamente *A instalação do medo* de Rui Zink, *História dos Quartos* de Michele Perrot e *Rom@* de Stéphane Audeguy (ver Anexo 1) e de assistir passivamente a outros dois no festival Correntes d'Escritas na Póvoa de Varzim, nomeadamente a *Travessia por imagem* de Manuel Rui e *O Dia de Amanhã* de Ignacio Martinez de Pisón (ver Anexo 1), com a presença dos autores. Todos os lançamentos em que trabalhei foram em locais diferentes e com estratégias de promoção e divulgação assimétricas. No entanto, todas elas primaram pela criatividade, ao adicionar ao lançamento um evento ou convidado que certamente o impulsionou e fomentou o sucesso dos mesmos, visto termos tido sala cheia em todos eles.

O primeiro lançamento teve lugar no dia 25 de outubro, ao final da tarde, na Fnac dos Armazéns do Chiado. Uma das melhores salas para lançamentos de livros e encontros com escritores em Lisboa, foi-nos cedida com amizade por um colega de Carlos da VF, Jorge Guerra e Paz da Fnac. Deu-se uma breve apresentação da obra, já que o escritor dispensa apresentações, e foi dada a palavra a Rui Zink que, com o seu peculiar humor negro, falou do seu romance e de como a crise europeia era o pano de fundo para a história absurdamente kafkiana que narrava e que chegou a ser aclamada por Maria Alzira Seixo, investigadora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos Comparatistas, bem como uma das maiores investigadoras da obra de José Saramago e António Lobo Antunes,: "A Instalação do Medo, de Rui Zink, é... o livro da nossa época. Magnífico!", opinião que desenvolveria mais tarde numa recensão para um jornal. Este lançamento teve a peculiaridade da presença de dois atores que leram excertos da obra: Duarte Vítor (ator de novelas e encenador de teatro) e Miguel Assis, assim como acompanhamento musical de dois guitarristas: Carlos Curto e Chico Lupi Caetano. O ambiente que a música criou, aliado à expressividade que os dois atores deram ao texto de Rui Zink, contextualizaram o teor kafkiano e absurdo da obra e a sua atualidade especificamente portuguesa já que trata dos

efeitos que uma crise pode ter nas pessoas, principalmente do medo, como estratégia de submissão das pessoas por parte dos governos.

Seguiu-se ao lançamento a parte dos autógrafos e fiquei ainda com alguns posters alusivos ao lançamento desta obra de Rui Zink, que a Afrontamento me pediu para espalhar por lisboa, especialmente nos círculos a que tivesse mais acesso, o que fiz em algumas Universidades, Cafés, Bibliotecas e Bares do centro de lisboa. Há pouco tempo começámos a segunda edição do livro *Instalação do medo* e, pelos sinais a que temos tido acesso, este pode bem vir a tornar-se o livro mais vendido da Teodolito desde a sua criação, dada a contextualização da crise nacional que o país atravessa e que serve de temática para o livro de Rui Zink.

O segundo lançamento e as suas particularidades diferenciaram-no do de Rui Zink. Antes de mais, a autora, Michele Perrot, é estrangeira (francesa), mais idosa e menos disponível para possíveis contactos. Aquando da sua vinda a lisboa, houve uma série de acontecimentos que se podem tomar como um todo e que constitui o processo completo do lançamento de *História dos Quartos* e da sua promoção. Desde logo, na noite anterior ao dia do seu lançamento, a autora foi convidada a dormir no antigo quarto de Fernando Pessoa, na Casa que lhe serve de Fundação. Como se sabe, a Casa Fernando Pessoa, na pessoa da sua diretora, Inês Pedrosa, tem tido uma miríade de escritores a dormir no quarto que foi do grande poeta dos heterónimos. Também foi feito um convite à escritora, que prontamente aceitou. Surpreendente, visto que a sua idade e disponibilidade poderiam ter justificado uma possível recusa. Foi uma brilhante ideia de promoção da obra já que a temática do seu trabalho *A História dos Quartos* como espaço pessoal e intimamente ligado à evolução do pensamento humano, e o convite da Casa Fernando Pessoa, confluem numa simbiose harmoniosa e engenhosa. No dia seguinte, reunimo-nos com a autora no Instituto Francês em lisboa, onde acompanhámos a entrevista que a autora deu para o programa da RTP 2, Câmara Clara, em plena biblioteca do Instituto. Ao fim da tarde, deu-se finalmente o lançamento da sua obra, novamente com sala cheia, na Casa Fernando Pessoa em Campo de Ourique. A autora, acompanhada obviamente pelo editor Carlos da Veiga Ferreira (como o fora Rui Zink) e pelo seu tradutor, Carlos Correia Monteiro de Oliveira, apresentou o livro (em francês) na presença de personalidades como o Embaixador da França em Portugal, da Diretora da Casa Fernando Pessoa, do editor da Sextante, João Rodrigues, entre outros. Fiquei neste lançamento também

encarregue da venda dos livros, após o lançamento e a sessão de autógrafos, e tive ocasião de conhecer pessoalmente o diretor da Afrontamento, José Ribeiro.

Finalmente, no lançamento do livro *Rom@* de Stéphane Audeguy, desta vez na Livraria Ferin em Lisboa, junto aos Armazéns do Chiado e na sua famosa cave, tivemos a presença não só do escritor como do mais recente Prémio Leya, o jovem Nuno Camarneiro que já fora editado pela Dom Quixote com *No meu Peito Não Cabem Pássaros*, e que se tornara recentemente amigo do autor. O escritor, que foi apresentando a sua obra em francês, e a sua visão pessoal e literária de Roma, foi sendo traduzido oralmente pelo Nuno Camarneiro que também lhe ia colocando algumas questões que a leitura da obra lhe inspirara. Novamente com casa cheia, e ainda agraciados com a presença do Embaixador da França em Portugal e o Embaixador da Itália em Portugal, interessado na visão deste escritor francês na capital da sua pátria. Neste lançamento tive ainda ocasião de conhecer mais uma tradutora da editora, Maria Manuel, que traduziu o livro de Ignacio Martínez de Pisón e que, como já referi, partilha agora comigo a responsabilidade da área de comunicação e promoção editorial no Facebook, isto é, a vertente de relações públicas da Teodolito. Quanto a tradutores, já conhecera anteriormente o tradutor de algumas obras de Calvino e a tradutora de *Os Detetives Selvagens* de Roberto Bolaño, a grande profissional Miranda das Neves. Foi um belo serão que se destacou principalmente por, minutos antes do lançamento, termos conseguido que o mais recente Prémio Leya se juntasse à riquíssima carteira de escritores lusófonos a contribuir com um conto para o livro solidário anual *Prazer da Leitura*, vendido em parceria com a Fnac no Dia Mundial do Livro. Carlos da VF costuma brincar com estas edições ao dizer que, quando o acusam de ter dado preferência na sua carreira editorial a autores estrangeiros, ele responde com o facto de já ter publicado quase todos os grandes escritores portugueses da atualidade, ou pelo menos um conto deles, pois todos os anos os autores que participam com contos vão variando e Carlos da VF já abrangeu a quase totalidade dos grandes nomes da nossa literatura contemporânea. Nesse dia então, para além de mais um lançamento de sucesso que tal como os outros foi largamente divulgado na nossa página e em alguns blogues literários, conseguimos mais um autor para a Teodolito.

Como diz Jorge Manuel Martins no seu artigo, “Livros, difícil é vendê-los”, integrado na obra *Ofícios do Livro*, coordenada por António Manuel Ferreira e Maria Eugénia Pereira e

publicada pela Universidade de Aveiro, relativamente ao tema da qualidade do livro e de como promovê-la, sendo esta área dos lançamentos de livros indissociável da área da comunicação editorial, explorada anteriormente“(…) *Para securização do cliente (sem esquecer que «os livros existem para uma imensa minoria»...), os espaços de mediação continuam a desempenhar um papel crucial, chamem-se eles imagem do editor, ou prémios, relações públicas ou promoções, livreiros, críticos ou professores... Para motivação do produtor, o caminho mais tentador seria embarcar na tal «barbarização da cultura» e, como se dizia atrás, chamar a difusão a decidir pela produção, aceitando o cliente como ditador. Todavia, poderá haver outra via para o produtor, mais árdua, mas talvez de horizonte mais largo: a de empreender um esforço eficaz de comunicação (a qual não é sinónimo de publicidade, mas um mix de técnicas complementares), com o objetivo de disponibilizar, aos sucessivos clientes, argumentos para eles aceitarem (ou não) as propostas dos seus protótipos. Ora, é no desenhar desse «esforço eficaz de comunicação», no respeitante a cada livro, que faz todo o sentido recorrer a dois indicadores da dimensão «produto»: a «inovação» e o binómio «qualidade técnica/qualidade percebida». (...) «a base de qualquer negócio é um produto ou uma oferta», pelo que uma organização que «aspira a apresentar um produto ou uma oferta diferente e melhor» tem de saber «responder a esta pergunta do consumidor: comprar o seu produto, porquê?» (...) «Tratando-se de acrescentar valor aos conteúdos, há que recorrer a vários e cada vez mais técnicos mediadores do livro, capazes de propor diferentes tipos de intervenção, para diferentes tipos de publicação, face a diferentes tipos de clientes (...)» (Martins, 2007, p. 49-50). Foi isso que tentámos fazer nos nossos lançamentos: torná-los o mais diferente possível uns dos outros e tentar criar uma simbiose entre os temas e género do livro, o lugar onde se daria o lançamento, os intervenientes e o tipo de apresentação de forma a ajustar perfeitamente o produto ao público.*

6. Revisão

Durante o meu estágio fiquei encarregue de uma revisão que, por certas particularidades da sua tradução, levou muito tempo a ficar concluída, e passou por várias fases do processo de revisão, algumas a quatro mãos com Carlos da VF. A obra em questão foi *Csirkejáték*, que data de 1963 e foi escrita por um autor húngaro, Szilárd Rubin, nunca traduzido ou publicado em Portugal. O escritor, que foi recentemente redescoberto e se tornou um best-seller no seu país de origem, é aclamado pela crítica internacional pelo seu estilo, que destoava da literatura da época e que, por outro lado, se aproximava dos grandes escritores do século passado como Faulkner e Proust. A tradução, feita do original húngaro diretamente para a língua portuguesa, foi realizada por Laura Lukács.

As muitas dificuldades esta tradução nos colocou começaram logo com o título. Traduzido à letra do húngaro, o título original seria *Jogo da Galinha*, símbolo maior de toda a narrativa e que é referido pela primeira vez no quarto capítulo. Remete para um jogo de um par de namorados em cima dos carris de comboios e que testam o seu amor através da coragem de aguentar até ao fim para não saltar para o lado e evitar a morte certa com a passagem de um comboio. O primeiro a desistir será acusado de falta de lealdade para com o outro por preferir salvar-se a si a arriscar morrer por “amor” e o que ganhar irá certamente perder a vida. O jogo em si tem a sua origem na variante americana das corridas de carros com a meta marcada num precipício ou em que dois carros vão a alta velocidade em direção um do outro, prestes a chocar de frente e que seguem ambos a mesma metodologia: o primeiro que desistir e der uma guinada drástica para se desviar à última hora ou saltar do carro em andamento antes de chegar ao abismo ou ao choque frontal, será acusado de cobarde (daí galinha, *chicken*, que em inglês serve também para evidenciar em insulto a cobardia de alguém) e que foi imortalizado no famoso filme de James Dean, *Rebel Without a Cause*, em que o protagonista Jim (James Dean) é desafiado por uns bandidos para um “*Chicken Run*” em que correrá contra Buzz, um dos gangsters. Neste filme, a variante do jogo é a da corrida para um precipício. O primeiro que saltar do carro será o “*chicken*”, isto é, o cobardolas. Neste caso, que antecipará curiosamente a morte drástica deste ícone do cinema dos anos 50 no seu trágico acidente de

carro, é Buzz que acaba por ganhar o jogo ao perder a vida quando uma fita da manga do seu casaco de couro fica presa ao puxador da porta do carro, impedindo-o de saltar para fora antes de este saltar para o abismo.

Regressando ao livro de Rubin Szilárd, depois de ler todo o romance e perceber que o jogo servia de simbologia para o enredo principal do despedaçar da relação amorosa dos dois protagonistas, aconselhei o editor Carlos da VF a manter o título original, talvez com a variação de Jogo do Cobarde ou Jogo do Cobardolas em vez do Jogo da Galinha (apesar de a palavra original húngara do título ser galinha e não uma expressão de gíria para cobarde) para se manter fiel à sinopse do livro. No entanto, aqui entra a problemática referente ao título que é a de que as traduções alemãs, italianas e espanholas do livro optaram por transformar o título da obra num autêntico rótulo de um “romance à Margarida Rebelo Pinto”, *Breve História de um Amor Eterno*. Generalista, sentimental e muito “cor-de-rosa” para o meu gosto, mas Carlos da VF preferiu seguir a tendência das outras traduções e mudar para este título, não só visando agradar a um público alvo ainda mais alargado e que prometia boas vendas, como para não arriscar um título que, na sua opinião, não era de todo atrativo. Eu discordei, ainda discordo, mas o editor tem a última palavra e assim sairá o livro, com o título que algum tradutor, algures na Europa, decidiu por si mesmo atribuir ao romance de um escritor que certamente ainda estava vivo para ver este atrevimento, pois morreu em 2010.

Próximo problema: as características específicas da língua húngara que fizeram com que a tradutora procurasse traduzir com muita fidelidade o original, visando quase uma tradução literal. Em conversa com a tradutora, esta disse assim ter feito não só por ter seguido por vezes a tradução italiana (também muito fiel ao original) como pelas especificidades da língua húngara que, descobri pela tradutora e por pesquisas pessoais, prefere normalmente construções fráscas assimétricas às das línguas neolatinas. Assim a tradução chegou-nos não literal mas sim com muitos verbos ativos, demasia de adjetivos e uma inclinação para fugir a frases multiplamente subordinadas. A juntar a isto, os previsíveis brasileirismos que um aluno estrangeiro de português concede ao misturar inocentemente vocabulário e expressões idiomáticas do português brasileiro e europeu. Sem referir muitos outros casos repetitivos a que perdi a conta, como as vezes que tive que mudar “cair no sono” para “adormecer”, “render” a “tornar”, “fumaça” para “fumo”, etc.

O caos que é a ordem cronológica da obra, com muitas analepses e prolepses, planos temporais sobrepostos que se trocam às vezes no mesmo parágrafo e uma estrutura narrativa quase circular com lembranças e recordações repetitivas, também mexeram com a tradução e, por conseguinte, com a revisão. Isto porque a tradutora procurou combater as trocas constantes dos planos temporais da narração com os tempos verbais que tinha à mão, que não eram certamente suficientes para evitar algumas passagens que resultaram confusas na tradução e os erros que Laura assumiu pela falta de uma ponte entre o conjuntivo húngaro que nem sempre coincide com o português.

O estilo específico do escritor também influenciou a tradução e a revisão, pelas suas particularidades como a proliferação de reticências e implícitos, a oscilação entre um registo muito sentimental e melodramático do protagonista a fazer-se de vítima e uma cruel e fria examinação que faz a si próprio com o histerismo esmagado por uma calma derrotista. Analogias e adjetivos insólitos, tudo isso a tradutora procurou manter na tradução, porém isso levou a que enveredasse por umas aventuras que foi preciso remediar na revisão.

No entanto, o maior problema desta revisão foi certamente as notas, ou melhor, o exagero destas. A falta de conhecimentos do público português em geral da história recente da Hungria e de este romance se focar no amor obsessivo do protagonista pela amada, de se passar num cenário externo que necessita de muitas referências para se consolidar, de muitos destes elementos serem desconhecidos para o leitor nacional, fizeram com que as notas de rodapé se multiplicassem. Apesar da prova traduzida que nos chegou já ter cortes da tradutora. As causas das notas de rodapé são variadas, como a história de certas regiões com várias etnias e que se torna demasiado complexa para o comum leitor português, pela quantidade de vezes que os territórios mudaram de dono no universo histórico do romance e da região da Hungria pós-Segunda Guerra Mundial. Estes anos da guerra, do pós-guerra e da década de 50 da ditadura comunista na Hungria e todos os nomes, fenómenos, instituições, costumes e práticas que lhe estão associados, já é desconhecido para as gerações mais novas (pós-anos 60) da Hungria quanto mais para o leitor português. No entanto, todo este contexto histórico é muito importante para a identidade dos personagens, daí que a questão das notas nos levasse muito tempo para justificar, perante a nossa perspetiva portuguesa, a permanência ou eliminação de algumas delas. Algumas desaparecem por completo na minha revisão, outras foram

encurtadas. A tradutora até nos facilitou o trabalho ao assinalar a verde as notas de rodapé já existentes na tradução italiana e, ao tentar perceber quais seriam necessárias para o leitor português, ousámos preferir a abundância de notas à lacuna de algumas informações que poderiam resultar necessárias para a compreensão de certas passagens.

Assim, a revisão acabou por ter várias fases no seu longo e demorado processo. Em primeiro lugar Carlos da VF já tinha feito a revisão dos dois primeiros capítulos dos 15 que totalizam o romance. Assinalando a vermelho passagens e palavras para corrigir, foi-me entregue o manuscrito já com estes dois primeiros capítulos “arranjados”, no entanto, a minha revisão acabou, por vezes, por ir contra certas decisões do editor da Teodolito neste início do livro e assim quando prossegui a minha revisão até ao final, com a terminologia e simbologia adquirida na cadeira de Revisão no Mestrado, entreguei a Carlos da VF a minha revisão, que já se debruçava, com as minhas decisões, nas várias problemáticas acima referidas. Porém, o editor decidiu ainda dar uma vista de olhos na minha revisão e rever todo o livro, e acabámos por ter duas revisões sobrepostas, com elementos coincidentes e divergentes. Isto obrigou-nos a vários dias no escritório, os dois sentados junto ao computador, eu no teclado com o ficheiro do livro e Carlos da VF ao meu lado com o manuscrito impresso, todo anotado e rabiscado com as nossas duas revisões, e fomos, palavra a palavra, frase a frase, capítulo a capítulo, trabalhando em conjunto a revisão final do livro. Este método acabou por ser positivo por ficarmos com a certeza de termos encontrado muito mais erros com dois pares de olhos do que só com um e porque compreendi com mais profundidade as exigências multivariadas que uma revisão requer: domínio da linguística e gramática, cultura geral, conhecimentos históricos e políticos, literários e sobretudo grande abertura para outras opiniões sobre certos pormenores que, por vezes, produzem visões que se confrontam.

Resta dizer que nos apoiámos, não na edição italiana, mas na espanhola, publicada pela Backlist e traduzida por Éva Cserhádi e Antonio Manuel Fuentes Gaviño que, em convergência com a tradução de Laura, nos fez desenvolver uma revisão quase perfeita (nunca é perfeita) dum livro que apresentava desde o início dificuldades especiais e algumas situações caricatas. Por exemplo, no capítulo final em que o protagonista se queixa da sua solidão e diz que em casa só o espera um cão (tradução de Laura), enquanto que a tradução espanhola diz que só o espera um gato. Em que ficamos? São ambas traduzidas do original húngaro. Quem se

enganou? Acabámos por optar pelo cão após chegarmos à conclusão que o original se referia a uma espécie canina e não felina.

Há quem considere a revisão de um livro como um trabalho secundário a todas as outras vertentes de produção de um livro, no entanto, depois da minha experiência é fácil compreender que todas as fases da publicação de um livro são relevantes, ou como diz Jorge Manuel Martins no seu *Profissões do Livro*, “(...) *ainda é muito difícil obter reconhecimento social para uma série de profissões dedicadas à produção do livro, porque «a maioria das pessoas não tem a noção das fases anteriores», «não imagina o que está por detrás do livro» e «os próprios autores não fazem a mais pequena ideia». Razão tinha aquele gestor da IBM (...) ao dizer que «utilizamos gigabytes de informação todos os dias, sem sequer pensar no assunto», pois «não queremos ver a estrutura que está por detrás, tal como quando lemos um livro não pensamos na forma como foi criado» (...)»* (Martins, 2005, p.283). Pois eu também pensava assim antes do meu mestrado e, principalmente, antes de ter tido oportunidade de conhecer um representante de cada fase de produção de um livro e ficar realmente surpreendido com a quantidade de pessoas que trabalha meses, para o mesmo fim, um objeto que cabe na mão. Louvo os revisores porque realmente dá muito mais trabalho do que estava à espera. Rever um livro pressupõe grandes conhecimentos literários e uma profunda intimidade com a língua materna, para além do imprescindível olhar atento que evita por vezes grandes vergonhas a boas editoras como já aconteceu com a Teodolito. Deixou por corrigir a enorme gralha no nome de Dostoievski no título da capa do *Maldito seja Dostoievski* de Atiq Rahimi. Logo na capa! E também, mais recentemente, ter cometido o mesmo erro, mas ainda pior, desta vez no nome do autor, com um erro de colocação de acento, no livro *O Dia de Amanhã* de Ignacio Martínez de Pisón e, desta vez, sou parte do erro, já que a capa passou por mim antes de ter ido para a gráfica, onde tivemos uma tiragem de cem exemplares com essa gralha na capa. Mas como lembra Carlos da VF, homem experienciado na arte da revisão, os erros mais difíceis de detetar acabam por ser nos sítios onde o olhar do revisor relaxa, como a capa e a contracapa dos livros, daí que alguns erros se cometam no lugar de mais destaque da obra. Enfim, problemas de revisores, mas é possível enfrentar tudo isso com bom humor, como faz Carlos da VF ao referir que, no futuro, os exemplares com o erro, vão valer muito mais para os colecionadores de edições raras e limitadas. Quem sabe.

7. Produção de Sinopse Original

Ainda no seguimento do meu trabalho com a obra de Rubin Szilárd, *Breve história de um amor eterno*, fiquei também com a responsabilidade de produzir um curto texto original de temática biográfica sobre o autor para colocar na badana do romance e também a sinopse que iria figurar na contracapa da edição. Comecei por ler todas as badanas e contracapas dos livros anteriores do nosso curto catálogo para compreender o que se propunham concretizar. Uma simples apresentação da narrativa? Chamar a atenção dos prémios ganhos pelo escritor e pelo livro? Integrar o romance na restante obra do autor? Compreender a esfera de proximidades do estilo do escritor com outras referências da literatura? Um pouco de tudo, digamos. Após uma pesquisa online (não tive acesso em lisboa a nada publicado ou impresso em português ou inglês sobre o livro e o autor) sobre a biografia e a leitura de algumas críticas sobre o romance em questão, acabei por produzir dois textos originais que deixo mais à frente transcritos. Tentei obviamente apelar ao lado sentimental que o título modificado parece impor ao público-alvo, agora mais feminino, mas sem cair em exageros cor-de-rosa e, como já disse anteriormente, afastar-me de um possível engano entre este livro e um “livro à Margarida Rebelo Pinto”. Até porque, nem a editora nem o livro se encaixam nessa categoria. Daí que também tenha sublinhado o valor literário da obra em questão, da sua irreverência para a época, o seu traço modernista, e o facto de não ter no enredo o seu principal valor (apresento logo na sinopse o final da história do casal, que vai acabar mal) mas sim na forma como o escritor aborda a destruição de uma relação amorosa no contexto histórico específico. Sem mais delongas, deixo aqui o texto que, à data da realização deste relatório, apresentava a seguinte forma e conteúdo, não prevendo portanto possíveis modificações que nele possam vir a ser aplicadas até à data de publicação.

Sinopse

O amor de Attila e Orsolya é como um jogo de um par de namorados que se beija nos carris que já assobiam e tremem com a aproximação de um comboio. Quem vai desistir primeiro para se salvar? Quem vai saltar para o lado e provar que prefere a sua vida ao amor? Breve história de um amor eterno, obra publicada em 1963 na Hungria e que destoa da literatura

dessa época pelo seu estilo amoral, direto e a sangue frio , é um símbolo desse jogo arriscado que o rebelde Attila (Till) acabará por ganhar, e assim perder, durante os finais dos anos 40 e início dos 50, e que o empurrará para o abismo do desespero e para a destruição do seu amor com Orsolya (Orsi).

Apesar de ser uma história que decorre no ambiente posterior à Segunda Guerra Mundial com a ditadura comunista da era Rákosi, esta serve apenas de cenário para a angústia interior do destroçado Till que, como no título húngaro original da obra (Jogo da Galinha), conduz o seu carro numa corrida para um precipício. Quem desistir primeiro perderá e será acusado de covarde.

Acompanhar a deterioração do amor de Till, um jovem poeta em iniciação que se renderá à literatura comercial, e Orsi, oriunda da aristocracia alemã rebaixada pela guerra e que procura encontrar o seu rumo nesse novo futuro, é compreender os limites de uma relação que se vai despedaçando perante a nossa leitura, dispersa como são todas as histórias de amor com o passado e o presente a confluírem numa realidade asfixiante da qual Till não saberá despertar e com a visão especial de Rubin: dinâmica, poderosa, selvagem, furiosa e silenciosamente histórica.

Texto biográfico de badana

Szilárd Rubin (1927-2010), o escritor nascido e esquecido na Hungria e que só neste milénio foi redescoberto, é agora aclamado no pódio dos melhores escritores do século passado pelo seu estilo único e sucinto, oscilante entre os sentimentos mais compassivos e a mais atroz auto-comiseração, comparável a Faulkner ou Proust. Best-seller em 2004, não deixou desde então de estar nas prateleiras das livrarias húngaras desde que a história de Attila e Orsolya, descrita pelos críticos na altura como vinda de outro planeta, caiu como um meteorito na Hungria e arrasou toda a literatura da época pelo silêncio frio e calma que trouxe consigo, a calma histórica da vergonha e da derrota.

Com esta atividade senti que me era depositada muita confiança por parte do editor nas minhas capacidades de escrita, algo que um profissional da edição não tem obrigatoriamente

de dominar, mas sim boas competências de leitor. Ainda assim, será muito gratificante para mim como estagiário deixar uma marca tão evidente no catálogo da editora, e a responsabilidade que lhe está associada visto que em muitos casos é a sinopse que convence o leitor a comprar o livro. Tal relevância define a importância fundamental de ter um texto que não seja nem muito curto, nem muito longo, que tenha um acentuado carácter atrativo mas sem cair nos típicos adjetivos já gastos pela literatura comercial que se vende hoje nas livrarias com brinde: um livro soberbo, espetacular, magnífico, esplêndido, maravilhoso e outros clichés, e que apresente pelo menos um quadro muito simples da temática do enredo. Foi isso que tentei fazer com o meu texto e pela aprovação de alguém tão experiente como Carlos da VF, parece que fui bem sucedido.

8. No escritório

Pensei ser adequado dedicar um capítulo do meu relatório ao escritório de Carlos da Veiga Ferreira, a casa da Teodolito, não só pela sua importância para a história da experiência editorial do editor mas porque foi o sítio onde conheci também muitas figuras importantes para o meu estágio e, de certa forma, para homenagear este lugar com tanta história para contar. Aquele primeiro andar do número 9 da Rua Padre Luís Aparício e a sua triste paisagem para as ruínas do antigo manicómio Miguel Bombarda, com as suas cinco assoalhadas e os importantes acontecimentos que lá tiveram lugar, viu durante largos anos a sua ocupação pelo nome da Teorema e, como pode comprovar o orientador do meu relatório, que teve oportunidade de o visitar, é um verdadeiro escritório de editor. No anexo 2, na secção de Anexos, deixo algumas fotografias representativas do carácter caótico mas literário do escritório de Carlos da Veiga Ferreira, que foi como sempre imaginei ser um escritório de editor. Todas as paredes têm estantes, todas as estantes ultrapassaram já em larga escala a sua capacidade livreira, existem torres de livros em todas as mesas e até no chão, na sua maioria livros estrangeiros que agentes de todo o mundo enviaram nas últimas décadas a Carlos da VF (a maior parte na ressaca da Feira do Livro de Frankfurt) e que o mesmo, quando já não tem capacidade para mais, acede ao convite de vários Institutos de Línguas Estrangeiras espalhados por Lisboa e concede-os em caixotes, com o seu critério de escolha pessoal, visando engrossar as bibliotecas das ditas instituições. As paredes ostentam inúmeros diplomas de prémios que o editor colecionou com a editora, a sua secretária pessoal de editor está totalmente coberta de papeladas e livros e só ele consegue orientar-se naquela miscelânea de pérolas editoriais. Devem existir mais de 1.000 livros naquele pequeno escritório mas Carlos da VF não se perde neste labirinto, habita-o. Várias particularidades do escritório sublinham o seu carácter literário para além do profissional, como a janela da sala principal que não fecha bem e está vedada por uma pilha poeirenta de manuscritos recusados, várias esperanças de escritores portugueses, jovens e já maduros, que servem agora de apoio à janela. Algo que não cai no desrespeito pelo facto de muitos deles, terem, na sua segunda tentativa, sido bem sucedidos e fazer agora parte do valioso catálogo da antiga Teorema e finalmente por, na verdade, já não terem utilidade nenhuma (seria muito pior deitá-los fora, como fazem alguns

editores). Penso mesmo ser uma espécie de homenagem à angústia dos escritores que não são felizes à primeira tentativa, mas que não devem desistir de tentar.

Outros tesouros, como a estante onde estão ordenados, com meticuloso carinho, todos os livros da Teorema, desde o primeiro ao último, e que Carlos da VF consulta com nostalgia sempre que um nome ou título calha na conversa; ou manuscritos de crianças, escritos à mão desajeitadamente, em folhinhas arrancadas de cadernos de escola e agrafados, que o editor, em contraste com a sua pilha de manuscritos recusados, guarda com atenção numa prateleira especial, a das jovens esperanças, mesmo muito jovens, apesar dos inúmeros erros ortográficos.

Parte da minha experiência de estágio foi mesmo a minha relação com o escritório, por exemplo a manutenção da arrecadação onde se guardam todos os livros da Teodolito, e uma coleção impossível de não mencionar que é um conjunto de dossiers, cada um correspondente a um ano, contendo todos os recortes de imprensa dedicados aos livros da Teorema, desde a sua génese, e que o editor foi organizando como um imenso arquivo da sua história. A imprensa crítica referente aos livros da Teodolito, que fomos colecionando e digitalizando para a página do facebook, já se encontra empilhada e pronta para arquivar num novo dossier no final do ano. A consulta destes documentos é efetivamente parte integrante do meu estágio, já que pude analisar uma miríade de recensões e críticas de diversas publicações das últimas décadas, algumas já extintas, que me fizeram compreender a amplitude do trabalho editorial e a forma como os livros encaixam nos diversos períodos históricos do país.

Foi também neste escritório que conheci muitos dos tradutores que trabalham mais com o editor. Já referi alguns, o tradutor de Italo Calvino, o impaciente e polémico tradutor da maioria dos autores franceses do catálogo de Carlos da VF, a tradutora de Roberto Bolaño, Miranda das Neves, que conheci numa altura difícil da sua confrontação com a tradução da obra *A voragem* (ver Anexo 1) que continha diversas dificuldades técnicas particulares, do dialeto e calão da região amazónica da Colômbia, e que muitos críticos consideram ser a melhor obra da literatura desse país, não tivesse aparecido Gabriel García Márquez e os *Cem Anos de Solidão*.

O escritório alberga ainda postais informais de ocasiões festivas de grandes figuras nacionais, ex-Presidentes da República, grandes agentes internacionais, que colocou na parede. Uma nota

peçoal para o tesouro de um bilhete do concerto dos Rolling Stones, aquando da sua vinda a alvalade em 10 de junho de 1990, e que tem valor sentimental para mim porque é exatamente o acontecimento que decorria ao mesmo tempo que nasci, bilhete que nunca tinha visto pessoalmente e que tive finalmente a oportunidade de encontrar no meu estágio. Mas regressemos ao escritório em si, com as suas paredes cobertas de vários posters da Teorema, dos vários aniversários e efemérides que assinalaram o seu percurso. O meu trabalho desenvolveu-se sempre no meio de livros, para os livros, e não queria deixar acabar este relatório sem mencionar algo que considero tão relevante ao ponto de arriscar colocar nesta digressão escrita que é o ambiente de trabalho na Teodolito, que penso ter influenciado o meu estágio. Trabalhar os livros no meio de uma autêntica biblioteca de Babel contrasta com o trabalho sóbrio e pouco inspirador que deve ser o dos cubículos modernos, como nas instalações da Leya, com o gabinete do supervisor vedado aos demais empregados. Quando Carlos da VF foi convidado pela Leya a trabalhar nas suas instalações em alfragide, com um escritório próprio todo equipado, foi o único editor que não cedeu a essa tentação e recusou o convite, preferindo trabalhar à distância, no seu pequeno mas valioso escritório. Dispensar aquela casa seria dispensar a sua imagem de marca de editor à antiga. Editor dos livros impressos, de contacto íntimo e pessoal com toda a cadeia do livro: escritor, tradutor, designer gráfico, distribuidor, revisor, retalhista e mesmo leitor (nos nossos vários passatempos da editora no facebook, sempre apelámos a que os vencedores viessem pessoalmente à editora levantar os livros premiados, para os conhecer, mostrar-lhes a casa onde são delineados e estabelecer um laço de amizade pouco patente na atualidade, entre o editor e o leitor). E até a lenda impressa no mobiliário, os grandes escritores que se sentaram na mesma cadeira que eu, aquando das suas visitas não profissionais ao editor, por exemplo Martin Amis ou Enrique Vila-Matas, apenas para falar com Carlos da VF ou fumar um cigarro.

Não me posso igualmente esquecer da parte física do meu estágio; o trabalho de editor é surpreendentemente difícil para esta tão chamada atividade intelectual. Os livros e o seu único defeito, serem pesados, fizeram-me carregar caixas com várias encomendas acabadinhas de sair da gráfica, que também tivemos por vezes de transportar para os lançamentos. Os ebooks vão certamente destruir esta vertente física do livro mas penso que o peso daquele chão, carregado de tantas estantes e livros, prestes a ceder e a cair no piso inferior, é grande parte da

minha experiência a que o livro digital nunca equivalerá em nenhuma circunstância. Imagino aquele escritório no futuro como um autêntico museu da edição portuguesa, o testemunho de uma grande editora que atravessou um dia a bonita história dos fazedores de livros, e que, após um possível levantamento ou inventário dos títulos existentes, conterà certamente todas as grandes obras da nossa literatura e servirá de lição para todos os editores do futuro tecnológico e digital.

Se o que dizia o mexicano Gabriel Zaid no seu *Livros de mais* for verdade, então o escritório da Teodolito simboliza bem a diferença física entre uma biblioteca do presente e aquele que representará o conhecimento humano dentro de alguns anos, num só aparelho na palma da mão, “(...) *A raça humana publica um livro a cada trinta segundos. (...) Os livros são publicados com tanta rapidez que nos fazem exponencialmente mais ignorantes. Se uma pessoa ler um livro por dia, estará a negligenciar a leitura de quatro mil outros, publicados no mesmo dia. (...) Sim, há algo de profundamente triste na visita a uma biblioteca ou uma livraria cheia de livros que jamais serão lidos. (...)*” (Zaid, 2008, p. 22). A Biblioteca que é o escritório da Teodolito, testemunha uma outra ideia que adotei no meu estágio e que pretendo seguir que é fugir às guerras entre editoras, às estratégias ofensivas dos grandes grupos sobre as pequenas editoras de nicho por causa dos direitos de escritores ou autores. Há tanto livro, tanta literatura, tanto escritor. Perde-se um para uma editora, encontra-se outro ainda melhor. Não é preciso dizer que o meu estágio facultou-me inúmeras lições de ética profissional aplicáveis tanto a este campo como a qualquer outro. Não prevejo grande futuro para um estágio que não desenvolva com a casa que o recebeu um laço de aprendizagem difícil de teorizar, e já que muitas conversas entre mim e Carlos da VF não cabem neste relatório mas fazem parte da minha formação multifacetada escrevi este capítulo um pouco desviante como tentativa de lembrar essa parte informal do estágio, menos considerada, mas que eu guardo com grande estima.

9. Leitura e Análise de Originais

Durante o meu estágio tive o privilégio de ter nas minhas mãos a difícil responsabilidade de ler e analisar um original de um escritor português e posteriormente aconselhar Carlos da VF sobre a sua publicação ou possível recusa. Infelizmente acabou por ser a segunda via a concretizar-se pelos motivos que apresentarei adiante.

O autor não era nenhum estreante, foi-nos recomendado por Luís Caetano, editor e apresentador do programa Diário Câmara Clara da RTP2, onde é jornalista residente na emissão semanal deste programa. Este jornalista, que também já venceu em 2009 um dos Prémios Ler Booktailors na categoria de Jornalista ou Imprensa de Edição pela sua dedicação aos livros, não só na televisão, como no espaço radiofónico, com os programas *Última Edição* e *A Força das Coisas* na Antena 2, aconselhou-nos a leitura do novo romance de um autor que deixo aqui anónimo, *O Carteiro de Fernando Pessoa – Correspondência Roubada*. Carlos da VF delegou-me esta tarefa e, após a leitura deste breve policial, cheguei à conclusão que a minha opinião apontava para a não publicação do mesmo.

Este breve romance, com cerca de 200 páginas, é uma espécie de romance policial com forte carga literária dado que os personagens principais incluem não só Fernando Pessoa mas alguns dos seus heterónimos, a sua namorada Ofélia, o carteiro inventado Bernardo que acaba por vir a ser revelado como o autor do crime que na história acaba com a vida de Ofélia, Sílvio Caeiro, personagem real e poeta desconhecido cuja correspondência acerada com Fernando Pessoa é o fio condutor de todo o enredo, correspondência essa que vai sendo roubada e interceptada pelo carteiro com intuítos que não irei obviamente desenvolver aqui, dada a hipótese de o autor vir a publicar o romance noutra editora.

Os critérios que me levaram a tomar a decisão de recusar este livro vêm da feliz coincidência de ser um leitor assíduo de romances policiais. Dos bons, claro. Arthur Conan Doyle, Agatha Christie, Josephine Tey, Ellery Queen, Rubem Fonseca, Francisco José Viegas, Stieg Larsson, Dennis McShade (Dinis Machado), Dick Haskins, Repórter X, Ian Rankin, Elmore Leonard, George Pelecanos, Dennis Lehane, Richard Price, etc. É um género em que posso afirmar sem medo que domino há alguns anos pelo que parti para a leitura deste romance com altas

expectativas e um nível de exigência maior, o que resultou numa desilusão de leitor e editor após a leitura destas poucas páginas de tão parca ambição e originalidade literária.

A trama policial é básica, assim como todo o processo linear da deteção, o clímax fraco do crime, o uso de personagens reais de grande importância e a incapacidade de as ficcionar com verosimilhança, pelos diálogos fracos, infantis e pouco realistas, acabando por me desapontar. O traço ultrapassado da intriga com estrutura linear e a recorrência exagerada a textos reais de Fernando Pessoa, que destoam facilmente do estilo franzino e previsivelmente aborrecido do autor, enfraquecem a obra. A descrição das personagens com traços toscos e típicas de um escritor de pouca profundidade descritiva, como em “(...) *O carteiro Bernardo era um homem de quarenta anos, alto e magro*(...)” é inadmissível numa era que tanto prima pela originalidade narrativa dos escritores.

Depois desta análise crítica que a meu ver invalidava imediatamente a publicação deste romance, seguiu-se a óbvia investigação do género policial na Teorema e Teodolito, que tipo de policiais Carlos da VF tinha publicado e se este poderia hipoteticamente ingressar nas fileiras desses títulos. Apesar de não ter uma grande tradição no género policial, Carlos da VF publicou alguns dos melhores romances que revolucionaram o sistema gasto do policial, como é o caso exemplificativo dos livros de Elmore Leonard, um dos escritores mais adaptados por Hollywood, ou o *1280 Almas* de Jim Thompson (cujo *The Killer Inside Me* de 1952 se encontra em quadragésimo nono lugar na lista de melhores policiais de todos os tempos, publicada pela associação Mystery Writers of America em 1995.) Alguns críticos chegaram mesmo a considerar Thompson superior a Dashiell Hammett e Raymond Chandler (deuses do policial) . Neste romance, datado de 1964, narra a história (quase tirada de um argumento de Quentin Tarantino) de Nick Corey, um xerife psicopata num meio altamente corrupto e de crimes tenebrosos no qual o xerife, herói e vilão simultaneamente, um anti-herói, se move como peixe na água. Neste livro, Carlos da VF arriscou a publicação não só por ser um policial excelente com uma construção narrativa e personagens inesquecíveis como por fugir ao sistema linear e previsível em que o autor se afoga no seu *Carteiro de Fernando Pessoa*. No livro de Jim Thompson o crime é algo de quotidiano e quase secundário à brilhante atmosfera de leitura. No livro deste autor, o crime é o núcleo a partir do qual todo o enredo

desengonçado e acriançado se move, o que resulta num abismo diferencial que desincentiva qualquer editor à sua publicação.

Não posso afirmar que a experiência de assistente editorial que a leitura deste manuscrito me permitiu tenha sido negativa, visto ter percebido na pele que o trabalho de um editor não é um sonho em que todos os dias nos chegam manuscritos (são mesmo raros até) e que aparecem regularmente novas peças literárias que revolucionam tudo o que foi escrito antes. Muitas das vezes é exatamente o contrário; escritores ambiciosos e vaidosos que sofrem do pior mal da literatura: querer ser publicado, mas ler pouco. Antítese que arruína todas as inocentes tentativas e que seguram hoje a janela do escritório da Teodolito, um monumento à paciência do editor, que tantas vezes tem de magoar a sua visão com textos incrivelmente maus que nunca deviam sair das cabeças de certos pseudo-escritores, quanto mais das suas gavetas.

Confesso também que não li mais nenhum livro deste autor mas o que li dele, depois de toda a minha coleção de leituras policiais, permite-me uma sólida base de fundamentação argumentativa para recusar este livro e não cair em falaciosas decisões que, por vezes, angustiam um editor até ao fim da sua vida: aqueles que recusam livros que virão mais tarde a tornar-se best-sellers ou pedras fundamentais do caminho da literatura.

Este não o era, garanto-o eu. E se for, assumo total responsabilidade pela minha decisão.

É igualmente importante referir que o género policial se encontra entre aqueles que mais vendem nas livrarias dada a legião de apreciadores deste tipo de leitura, o que poderia porventura suportar um possível risco na aposta de publicação da obra que analisei, pela sua abundância de referências literários com que um leitor português se pode identificar, já que a figura do poeta da Mensagem é tão conhecida como a de Camões. Porém, atravessamos neste momento uma fase de grande qualidade neste campo específico da literatura e penso que a exigência do mercado castigaria as pobres vendas e críticas que este livro iria angariar. Daí que não pense estar a cometer um erro ao sugerir que esta minha aprendizagem de leitura de originais foi fulcral para compreender a ligação estreita que liga a subjetiva avaliação de manuscritos e um bom conhecimento das tendências do mercado e do estado atual do género a que o manuscrito pertence.

10 . Contratos de Direitos de Autor

Com Carlos da VF compreendi que o bom trabalho de editor ultrapassa muitas vezes o gosto infalível pela leitura, o olho para bons escritores e livros, o ter eficazes tradutores, revisores e designers a trabalhar para a editora, ou ter um departamento infalível de marketing e comunicação, ou mesmo ter boas finanças para pagar a uma boa distribuidora e ter os livros em todas as livrarias. Por vezes, a profissão de editor mistura-se com outras como por exemplo a da advocacia, na vertente da questão dos direitos de autor, dos *royalties* e dos contratos de edição em geral. De como certas leis diferem de país para país e de agência para agência. Daí que Carlos da VF me tenha aconselhado ler muitos contratos para compreender como funcionam estas particularidades burocráticas do trabalho de editor. Neste relatório vou analisar três dos mais recentes, em inglês e francês (uma das razões do conselho de Carlos da VF para o editor dominar pelo menos 3 línguas estrangeiras: não serve apenas para a leitura de originais estrangeiros mas igualmente para reuniões e leitura de contratos estrangeiros). Estes três contratos referem-se a um livro já publicado, *Um curso de filosofia* de Witold Gombrowicz, e dois que virão a ser publicados em breve pela Teodolito, *Chet baker piensa en su arte* de Enrique Vila-Matas e *Les metamorfoses du gras* de Georges Vigarello. Vou explicar as diferenças fundamentais nos vários artigos e problemáticas que distinguem a forma como várias empresas lidam com os direitos de autor dos seus autores: a Editions du Seuil para o livro de Vigarello (contrato em francês), a agência literária catalã MB para o livro de Vila-Matas (contrato em inglês) e finalmente a gigante Wylie Agency para o livro de Gombrowicz (contrato em inglês).

Todos os três contratos começam por apresentar as duas partes intervenientes do mesmo, com as moradas das duas empresas em destaque e a denominação que ambas assumem no contrato, aparecendo como empresa Proprietária dos direitos a que redige o contrato, e como empresa Editorial a que vai editar o livro em questão. De seguida os referidos contratos apresentam a obra em questão, o seu título por inteiro e o autor. Ao contrário do contrato da MB, que começa por apresentar o período limite em que o contrato será válido, os outros dois começam por destacar que o contrato é válido para todos os países de língua portuguesa, com exceção da

nova estrela da lusofonia, o Brasil. Pelo contrário, o contrato da MB afirma que este só é válido para o território de Portugal, excluindo todos os outros países falantes da língua portuguesa. No entanto, não distingue limites à edição da obra em livro de bolso, capa mole ou capa dura, ao contrário do contrato da Wylie Agency que afirma só poder ser publicado em formato de livro brochado (o contrato da Seuil não faz distinção entre os vários formatos de edição). É curioso que nenhum deles menciona sequer o formato digital, nem incluem qualquer cláusula específica para esta nova metodologia.

Mas regressemos ao ponto por onde começa o contrato da agência literária MB, o limite de direitos de autor para a editora publicar o livro. Para esta agência, a editora tem um período de 5 anos desde a data de publicação para possuir a licença exclusiva de traduzir, imprimir e publicar o livro; para a Seuil o período alarga-se para sete anos depois da data de publicação da tradução; e a Wylie também define como sete anos a validade do contrato, porém, já a partir da data em que este foi redigido (data que surge logo no início do contrato, tal como no da MB, mas não no da Seuil, em que surge apenas no final, com a quantidade de exemplares do contrato impressos). Excetuando o contrato da Seuil, que começa logo a explicar as percentagens dos royalties, os outros dois partem então para a questão do pagamento do sinal, um montante que a editora deve pagar ao assinar o contrato, que não será reembolsado e que serve para marcar interesse. No entanto, todos eles têm o mesmo valor para esse sinal: mil euros.

Mas passemos aos *royalties*, a percentagem que os editores terão de pagar aos proprietários dos direitos, percentagem essa que é calculada sobre o preço de venda de cada exemplar vendido, mas não é sempre igual: 8% nos primeiros 3.000 exemplares vendidos e 10% de todos os que se seguirem, para a Wylie Agency; para as outras duas Agências, MB e Seuil, são igualmente 8% mas só para os primeiros 2.000 exemplares e os mesmos 10% para os exemplares que se venderem a seguir.

O contrato da Wylie apresenta de seguida o artigo que define o prazo limite de 18 meses, após a data do contrato, para o editor publicar a primeira edição da obra em questão, sob pena de cancelamento do contrato, devendo o editor informar ainda a data exata da publicação da obra, o seu preço de venda, o número de exemplares de cada tiragem e de todas as que se lhe seguirem. Também a Seuil dá o período limite de 18 meses para a colocação da obra traduzida

à venda, com a mesma pena caso tal não aconteça. Quanto à MB, dá apenas 12 meses para a publicação do livro após a data do contrato e também com a mesma pena caso se ultrapasse este período. Tanto a Seuil como a MB exigem da editora, a exemplo da Wylie, que lhe sejam notificadas as mesmas informações acima referidas.

A Wylie passa depois ao artigo da contabilidade, em que define que a editora deve apresentar todos os anos, até 31 de dezembro, todas as contas referentes à obra em questão, todas as vendas e o stock ainda existente e, tenha o valor do sinal sido recuperado em lucro ou não, deve ainda pagar todos os royalties ao proprietário até 3 meses depois dessa data. Caso a editora falhe em pagar essa quantia, o juro de pagamento da dívida será calculado com a taxa de 1% adicional. Esta contabilidade deve conter todas as informações referente a cada edição da obra, o número de exemplares por tiragem e edição, o número de exemplares vendidos durante o período dos royalties, o preço de venda de todos os exemplares e a percentagem de royalties aplicada. Também o contrato da MB define a mesma data de 31 de dezembro de cada ano para a apresentação das contas, que devem ser pagas com um limite semelhante ao da Wylie, mas com uma data específica: dia 1 de abril, com os mesmos detalhes que mencionei anteriormente. Curiosamente a Seuil não contém nenhum artigo referente a esta vertente dos direitos de autor. Quanto à tradução, a Wylie exige que esta seja de alta qualidade e fiel ao original e nada deve ser alterado; o nome do tradutor deve igualmente ser comunicado ao proprietário dos direitos e a editora deve enviar a tradução para o proprietário a analisar e aprovar, tendo este um prazo de 5 meses desde a receção da tradução para responder à editora. Assim que o prazo de 5 meses termine, a tradução poderá ser autorizada caso vá ao encontro dos desejos do Proprietário. Também a MB é exigente com a qualidade da tradução e deve aprovar a mesma (bastando para esta as primeiras 50 páginas da tradução para uma possível aprovação); quanto à Seuil, insinua o mesmo: a relevância da questão qualitativa da tradução é fulcral no contrato.

Relativamente ao copyright, é corrente que cada exemplar tenha de possuir a marca do copyright, obrigatória por lei, na ficha técnica, com o título na língua original na primeira linha, depois o copyright com o símbolo ©, a data de publicação da obra na língua original e o nome do proprietário dos direitos e finalmente a frase chave *All rights reserved*, juntamente

com qualquer outra linha que seja necessária para estabelecer o copyright na tradução. A MB e a Seuil dispensam neste espaço o formal *All rights reserved*.

Por outro lado, sobre o crédito da autoria, a Wylie exige que o título na língua original tem de vir impresso na ficha técnica, a seguir à folha de rosto, e o nome do autor na sua forma original, sem abreviaturas ou siglas que este não adote, e também deve vir na capa e na badana, em todos os exemplares e toda a publicidade ao livro que os editores promovam. Novamente a Seuil e MB seguem em concordância com as regras da Wylie. Esta agência chega mesmo no seu contrato a limitar o design da capa do livro, que só pode ser publicada após ser aprovada pela agência proprietária e tem 10 dias, após a receção do material da editora, para responder. Sendo o *Curso de Filosofia* de Gombrowicz a obra em questão, a Wylie lembra ainda que prefere a fotografia de Bohdan Paczowski da lição de filosofia como capa deste livro específico, mas diz estar aberta a outras sugestões, que lhe sejam apresentadas. À editora é deixada a responsabilidade de obter permissão para a inclusão da fotografia pelo detentor dos direitos da mesma e todo e qualquer custo para a sua obtenção tem de ser pago pela editora. Nem a MB nem a Seuil são tão restritivas na questão da capa.

Quanto aos exemplares complementares, a Wylie obriga a editora a enviar 6 exemplares da obra traduzida para a morada da Wylie em Londres e mais dois exemplares para a The Wylie Agency (UK), LTD, juntamente com uma nota do número de cópias impressas e o preço de publicação. Se a agência quiser também poderá comprar outros exemplares com o desconto máximo em uso na altura. Já a MB exige dez exemplares grátis para a sua morada em Barcelona, mais dois exemplares por cada reedição a que se acrescentam os mesmos detalhes que referi para a Wylie. Já a Seuil pede 9 exemplares da tradução mais três por cada reimpressão, igualmente com direito a comprar mais, os que quiser. Relativamente à questão da publicidade, a Wylie proíbe toda e qualquer publicidade no livro ou referência a qualquer outro livro, a não ser do autor, seja na capa ou no interior do livro, a não ser que a agência o aprove por escrito. Também a MB rejeita toda e qualquer publicidade, e a Seuil não menciona especificamente qualquer proibição a publicidade na edição da obra.

Sobre a reserva de direitos, a Wylie afirma que qualquer outro tipo de direitos na obra, existentes ou que venham a existir, e que não estejam especificamente garantidos aos editores nesse contrato, são reservados ao proprietário dos direitos, a agência Wylie. A MB repete

exatamente este artigo e a Seuil faz o mesmo, por outras palavras, já que especifica em primeiro lugar as regras para toda e qualquer adaptação que possa vir a ocorrer. Mas já lá iremos.

O material adicional, caso não seja referido especificamente no contrato, e o direito de o reproduzir, isto é, toda e qualquer ilustração ou citação da edição original, é reservado ao proprietário. Também a MB e a Seuil sublinham esta reserva de direitos de um possível *franchise* para a proprietária dos direitos. Mas estas duas agências são mais específicas quanto aos direitos referentes a este *franchise*, já que reservam para si todos os direitos de possíveis adaptações cinematográficas, televisivas ou teatrais, difusão por rádio, cassetes e DVD's, calendários, posters, sequelas, personagens e até jogos de vídeo derivados do livro, enquanto que a Wylie diz apenas que os editores que não tenham interesse em direitos para uma adaptação por qualquer estúdio, têm o direito a publicar em português sinopses (incluindo citações) de não mais de 10.000 palavras para ligar a génese do filme ao livro em questão.

Em termos de penas, castigos ou mesmo cancelamentos, todas as hipóteses são previstas no contrato da Wylie que diz que este não será válido até o proprietário estar em posse de um exemplar assinado pelos dois interessados, com o pagamento do sinal em avanço, e pode ser cancelado pelo proprietário a qualquer altura caso falhe algum pagamento. Outras situações podem levar a uma possível anulação dos contratos sem que no entanto, impeça a editora de pagar quaisquer dívidas: é o caso de uma possível falência da editora ou que esta se aproveite de qualquer lei de insolvência; se incumprir os pagamentos a que está obrigada como o sinal, os royalties ou os da contabilidade anual; se em qualquer altura da publicação do livro, a editora permitir que este esgote por um período superior a 3 meses, ou que esteja fora do mercado ao ponto de ter menos de 150 exemplares em stock; se três anos depois da primeira publicação do livro a editora tenha vendido menos de 100 exemplares; caso os editores violem algum artigo do contrato ou falhem em proteger o copyright do livro, em qualquer circunstância. Depois do término do contrato, seja por algumas das razões acima descritas ou pelo expirar do prazo combinado, o editor tem 6 meses para pedir por escrito ao proprietário o direito de vender todo o stock restante, sujeito a todas as regras pré-existentes de pagamento de royalties, e o proprietário pode permitir ou negar tal pedido. Caso não lhe seja permitido, o editor não pode vender nenhum exemplar do restante stock. Também a MB e a Seuil

apresentam estas leis do término do contrato. Os três contratos são unânimes ao restringir os direitos apresentados apenas ao editor, especificado no início do contrato, e não poderão nunca ser transferidos sem o consentimento escrito do proprietário ou seu representante.

O proprietário também tem o direito de fazer auditorias à editora, pessoalmente ou por alguém por ele nomeado, desde que a avise previamente, para inspecionar todos os livros, *vouchers* e documentos em posse da editora, relacionados com o livro. Se um erro for encontrado que favoreça ilegalmente o editor, este terá de pagar ao proprietário o correspondente em dinheiro mais juros calculados com a taxa de mais 1% num prazo de trinta dias após o descortinar desse erro e terá igualmente que pagar os custos da auditoria. A MB também se refere a possíveis auditorias, já a Seuil não especifica estas inspeções.

O contrato esmiúça ainda todos os detalhes da agência de forma que os pagamentos sejam bem encaminhados para o proprietário e todas as faturas tenham comprovativo de pagamento e a Wylie Agency, sendo considerada uma terceira parte beneficiária do contrato, deverá ficar com uma quantia de 20% como agência, mais juros, caso se deem quaisquer renovações ou reformas ainda sob a vigência deste contrato. Ainda no contrato da Wylie todas as leis aplicáveis devem ser executadas no contexto do Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos, com as devidas particularidades da justiça respeitadas, e qualquer processo que possa surgir deverá ser conduzido para os tribunais de Nova Iorque, sendo este um artigo perpétuo, para lá do prazo do contrato. No caso da Seuil, a jurisdição pertence ao Tribunal de Paris e, no caso da MB, é apenas especificado que o contrato seguirá as leis do país do Proprietário ou do Editor, pertencendo a decisão ao proprietário.

Ao contrário da Wylie, a MB limita a tiragem da primeira edição a um mínimo de dois mil exemplares e um máximo de cem mil exemplares, sendo que para cada edição subsequente, o editor compromete-se a um mínimo de mil exemplares e um máximo de cinquenta mil. Também o contrato da Seuil tem as suas particularidades, como a do editor ter de pagar ao proprietário, depois de obter o seu acordo, 70% dos valores recebidos para a pré-publicação nos jornais e revistas, e 50% dos valores recebidos para a pós-publicação naqueles periódicos. Pelo que entendi deste artigo, a Seuil fornece à editora uma quantia que esta deverá investir na promoção prévia e posterior da obra na imprensa e exige depois a devolução de uma percentagem desse investimento. A Seuil tem também o direito de adquirir e conservar

definitivamente, enquanto durar a propriedade literária, o direito de trabalhar o título em língua portuguesa, e de 7.500 palavras da tradução que o contrato legitima, para qualquer utilização que esta deseje, em virtude dos direitos reservados ao proprietário.

Finalmente, o contrato da Wylie termina lembrando que qualquer alteração ao que está estabelecido no contrato só é válido quando assinado pelas duas partes; a MB lembra ainda que qualquer alteração ao contrato tem de ser assinada pelas duas partes e em triplicado, nos três exemplares existentes.

Considero que este trabalho burocrático de análise de contratos, apesar da linguagem monótona e formal, foi muito útil como preparação jurídica para o trabalho futuro como editor, de forma a saber diferenciar as várias abordagens ao direito de autor e de como respeitá-las de acordo com a lei, mas igualmente para compreender onde se é possível negociar e onde não o é.

11. Notas Finais

Existe uma anedota muito engraçada de Onésimo Teotónio de Almeida, o famoso escritor açoriano de *Português sem filtro*, igualmente conhecido pela sua boa disposição e humor ácido. Diz Onésimo que um dia, ao encontrar Carlos da Veiga Ferreira, até ficou um pouco confuso porque tinha visto antes um cigarro aceso e que Carlos da VF não estava lá. O editor da Teodolito é conhecido no meio editorial e livreiro português, e mesmo internacional, como o fumador de serviço, sempre com um cigarro entre os dedos, imerso na nuvem de fumo que o acompanha, com um maço de *chesterfield* a saltar-lhe do bolso e a sua característica voz funda e arranhada que tanto ornamenta o seu discurso experienciado. Esta conclusão do relatório serve antes de mais de agradecimento a Carlos da VF por me ter dado oportunidade não só de estagiar com ele, mas igualmente pelo privilégio que isso representa para um aspirante a editor.

Contabilizando a data de início de estágio, 1 de outubro, e de final formal do mesmo, 15 de março, obtêm-se cinco meses e meio de uma grande formação. Começa com uma inesquecível experiência, a Feira do Livro de Frankfurt, e termina pouco depois de outro importante evento, as Correntes d'Escritas na Póvoa de Varzim, entre 21 e 23 de fevereiro, onde mais uma vez pude acompanhar Carlos da VF. Nesse contexto festivo lançámos dois livros novos da Teodolito, a *Travessia por imagem* de Manuel Rui e *O Dia de Amanhã* de Ignacio Martínez de Pisón. Mesmo antes de terminar o estágio estive ainda envolvido, com menos profundidade, na publicação de três romances da Teodolito, *O Corpo em que Nasci* de Guadalupe Nettel, *Os Herdeiros seguido de A Natureza de um Crime* da parceria Joseph Conrad e Ford Madox Ford e finalmente *A Voragem* de José Eustasio de Rivera (ver Anexo 1), esta última publicada com o apoio da Embaixada da Colômbia em Portugal, visto tratar-se de um clássico da literatura desse país. Soube recentemente que seria uma das estrelas da presença portuguesa na Feira do Livro de Bogotá este ano, sendo Portugal o país convidado, com o comissário Jerónimo Pizarro, famoso pessoano, a representar-nos.

Considero que este estágio teve as suas particularidades que o diferenciam dos demais: o facto de ter um horário flexível não determinado, de ter sido realizado num ambiente algo informal

em que só estavam regularmente presentes eu e o editor, de ter obtido muita da minha experiência através de conversas, algumas mesmo cavaqueiras e histórias engraçadas de acontecimentos que ele foi guardando ao longo da sua carreira editorial, erros que cometeu, arrependimentos, conselhos; de ter sido um estágio multifacetado que não se focou realmente numa só área, daí que não tenha conseguido escolher uma só vertente do meu trabalho que se tenha destacado das outras, visto que fiz, de facto, um pouco de tudo, e em quantidades quase equitativas; de me ter levado a conhecer pessoalmente quase a totalidade de todos os grandes editores portugueses e de muitos dos gigantes agentes editoriais do planeta; acima de tudo, de ter conseguido uma carta de recomendação muito positiva de Carlos da VF (que deixo exposta no anexo 3), na crença de que me abrirá no futuro algumas oportunidades. Finalmente, pelo respeito com que fui tratado e pela compreensão que um editor de larga experiência, que tanto do seu testemunho me passou, tenha tido a paciência necessária para acolher um jovem amador da edição.

Vejo a Teodolito como uma das balas da atual guerra da edição que se distribui no tabuleiro de xadrez entre as peças pretas das editoras independentes e de nicho como a Teodolito, e as peças brancas como as editoras que constituem os grandes grupos editoriais, na figura do rei e da rainha (Porto Editora e Leya respetivamente), confrontando-se numa autêntica guerra de mercado que está sempre a mudar com novas aberturas e cheque-mates. A Teodolito, que nasce exatamente da má relação que os grandes grupos editoriais têm com economistas e gestores, é um caso exemplificativo do que diz Rui Beja, na sua história da *Edição em Portugal (1970-2010)*, quando fala do processo de concentração das editoras em grandes grupos e cita Rouet, “(...) *Historicamente, a edição de livros sempre manteve relações difíceis com disciplinas como a Economia ou a Gestão, vulgarmente utilizadas em qualquer outro setor industrial. A abordagem económica foi, até há pouco, considerada pelos agentes da área do livro como uma intrusão no exercício de uma atividade eminentemente cultural. Mas se para as empresas editoras, pensarem-se como indústria, com o seu específico funcionamento económico, parecia um despropósito, também os economistas sempre mostraram algumas dificuldades – ou algum «pudor», para usar o termo de Marco Gambaro – em ocupar-se dos problemas do mercado do livro (...)*” (Beja, 2012, p. 107). Infelizmente Miguel Paes do Amaral não teve qualquer pudor em enveredar pelo campo dos livros sem

qualquer conhecimento ou domínio do mesmo, deparando-se com um campo minado que começa agora a soltar o rastilho tendo em conta os recentes acontecimentos de escritores de vulto da Leya a abandonarem o grupo e a trocarem de casa editorial, como Miguel Sousa Tavares, Margarida Rebelo Pinto, João Aguiar, José Riço Direitinho, Pedro Rosa Mendes, José Eduardo Agualusa, etc. São tudo saídas que simbolizam o declínio de uma estrutura mal construída, e que começa agora a deixar de pagar aos seus tradutores e a despedir pessoas anunciando um ocaso negro de um grupo que poderia ter vingado caso tivesse sido bem governado, em prol dos livros, e não da fortuna. Daí que Carlos da VF, ao abandonar a Leya, se junte às fileiras de grandes editores que trocaram de lado no xadrez e que decidiram lutar pelos livros e contra o lucro fácil, uma batalha que sacrifica muitos peões mas que pode ser vencida. Tal analogia aplica-se também à guerra entre as livrarias independentes e as grandes cadeias, apesar de ambos os lados estarem sob ataque permanente da colossal Amazon.

Serviu como legado maior esta lição de coragem; ainda antes de começar o meu estágio tinha prometido nunca ceder à tendência de me albergar num grande grupo ou de trabalhar para grandes casas editoriais, mas sim resguardar-me numa instituição independente, onde o contacto pessoal fosse valorizado e o produto ultrapassasse a insultuosa denominação de mercadoria. Porque o livro é realmente um produto prototípico: não se trata de modelos de carros que vão sendo melhorados sobre a mesma base, assumindo novos cognomes ou números de série; a publicação de um livro deve valer sempre a pena, nunca deve ser mais um, porque um editor bem sabe que cada livro é um novo risco e uma nova prova para salvar o bom nome da editora. Acarreta muito conhecimento e cuidado até chegar às mãos do leitor. Este estágio foi exatamente o escolher de lado na atual conjuntura editorial, e sobre o signo tenebroso da crise saber que será necessário o dobro da preparação e perspicácia para encontrar as oportunidades abandonadas pela debandada dos grandes grupos, procurar na lama restos de pérolas, ocupar os nichos que os grandes grupos pensem ter ocupado e conquistado na sua totalidade, combater a tendência do mercado com novas estratégias de marketing e comunicação, aproveitar todo e qualquer meio para vencer o que o dinheiro não puder pagar. Penso ser possível concluir que realmente fiz uso da/o Teodolito para encontrar as coordenadas onde me devo encaixar neste xadrez, compreender as distâncias que me separam dos obstáculos.

Já depois do final do meu estágio tive a oportunidade de entrevistar Nelson de Matos, atual proprietário da Edições Nelson de Matos, cujo percurso profissional levou-o a publicar grande parte dos vultos da Literatura Portuguesa, incluindo José Cardoso Pires, Lídia Jorge ou António Lobo Antunes. Deixo aqui a sua perspetiva de amigo de longa data de Carlos da VF com quem partilha uma carreira semelhante de trabalho numa editora independente durante décadas (D. Quixote/Teorema) que depois de anexada ao Grupo Leya resulta numa saída polémica e brusca, com génese em conflito com a gestão impessoal e muito pouco culta dos seus catálogos, (2004 para Nelson de Matos e 2010 para Carlos da VF) que irá levar à criação de uma pequena casa editorial (Edições Nelson de Matos/Teodolito).

Para Nelson de Matos a construção do catálogo é tudo. Deve primar pela consistência e coerência, e pela sua fundamentação numa ideia ou sentido. Na pequena entrevista que me disponibilizou, Nelson de Matos evoca um grande nome da edição portuguesa, agora esquecido, Rogério de Moura dos Livros Horizonte, que serviu de mentor para ele e Carlos da VF e que os guiou nos seus primeiros passos de editores. Os seus 25 anos na D. Quixote deixaram-lhe a paixão pela publicação de livros que o leva ainda hoje a não conseguir ficar afastado deste mercado nem por razões de saúde. Apesar disso refere que a edição portuguesa encontra-se muito desinteressante no presente, fruto destes agrupamentos editoriais que vão exatamente contra a sua ideia da defesa de um catálogo. Lembra a destruição imparável do seu catálogo e do de Carlos da VF na Leya, com a perda sucessiva de autores e obras fundamentais para a estrutura do mesmo, descaracterizando-os e deixando-os irreconhecíveis, frutos da gestão dos padrões culturalmente desinteressados da Leya. Editores que, como sublinha, não procuram o ensinamento e apoio dos editores mais velhos, mas guiam-se por leis de marketing e economia para publicar livros. *Já ninguém liga ao Rogério de Moura, isso agora já não acontece* (Registo oral da entrevista a Nelson de Matos, realizada no dia 30 de Abril de 2013 na pastelaria Mexicana em Lisboa). Tal como Carlos da VF, é igualmente um forte opositor do Novo Acordo Ortográfico, e as duas editoras que representam publicam os seus livros com o antigo acordo. Sobre o atual estado da edição portuguesa e da guerra entre os grandes grupos editoriais e as pequenas editoras independentes, diz que prefere afastar-se desse mundo e opta pelo método quase arcaico e artesanal, pessoal e íntimo, de ir publicando os seus livros, visando agradar os seus leitores e por mero prazer pessoal, como Carlos da VF. *Hoje editam-se muitos livros e hoje também se desrespeita muito os livros, é necessário voltar às raízes* (Registo oral da

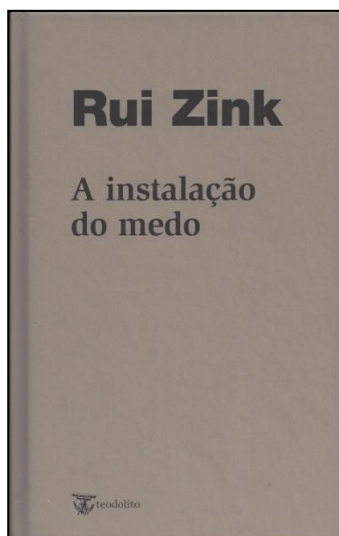
entrevista a Nelson de Matos, realizada no dia 30 de Abril de 2013 na pastelaria Mexicana em Lisboa). Quando lhe confesso o meu desejo de ser um dia um editor como ele ou Carlos da VF, Nelson cita André Gide, que quando interpelado por um jovem escritor que lhe mostra o seu manuscrito e lhe pede para avaliar e aconselhá-lo a parar quase se revele de fraca qualidade, lhe responde “*Acha que pode parar e ainda hesita?*”. Encoraja-me a não entrar neste negócio em declínio a não ser que traga algo de novo e recrie a arte de publicar livros. Lamenta a presente desconsideração pelos livros, pelo desleixo com que se produzem, pelo desinteresse nas fases chave de revisão e paginação. Um retrato negro do editor que também fez a Literatura Portuguesa dos últimos anos mas que também carrega a sua cruz, como a de recusar em tempos o terceiro livro de José Saramago, *Levantado do chão*, depois de lhe publicar os dois anteriores, por não estarem a vender muito. Apesar de tudo conseguiu manter a sua amizade com o Prémio Nobel, nos anos que se seguiram. Preferi concluir oficialmente este estágio com esta conversa com outro editor, para enriquecer a minha formação com uma visão paralela desta profissão e me preparar para os tempos vindouros com a bagagem das lições dos erros passados. Termino efetivamente este relatório com uma nota sentida de apreço pelo trabalho que realizei durante estes meses na Teodolito, editora que irei sempre acarinhar, e uma palavra final de homenagem a Carlos da VF, porque se realmente tive pontaria ao escolher o meu mentor, tive muito mais sorte com a pessoa que viria a descobrir nessa figura que muito para lá de me guiar na edição, me ensinou algumas lições de ética que só um humanista, um homem de livros, pode dar. E também um agradecimento especial a Nelson de Matos, cuja brilhante entrevista engrandeceu ainda mais o meu respeito por estes editores de E grande.

Bibliografia

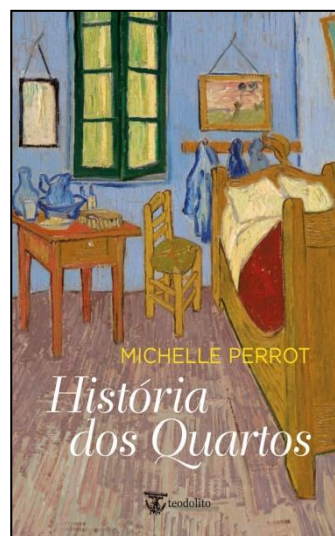
- BEJA, Rui, *A edição em Portugal 1970-2010 Percursos e Perspetivas*, Lisboa, APEL, 2012
- COSTA, Sara Figueiredo, *Carlos da Veiga Ferreira*, Lisboa, Booktailors, 2013
- FERREIRA, António Manuel / PEREIRA, Maria Eugénia (coord.), *Ofícios do Livro*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2007
- FURTADO, José Afonso, *A edição de livros e a gestão estratégica*, Lisboa, Booktailors, 2009
- FURTADO, José Afonso, *O Papel e o Pixel – do Impresso ao Digital: Continuidades e Transformações*, Lisboa, Ariadne, 2007
- FURTADO, José Afonso, *Os Livros e as Leituras: Novas Ecologias da Informação*, Lisboa, Livros e Leituras, 2000
- GEORGE, João Pedro, *O Meio Literário Português (1960-1998): Prémios Literários, Escritores e Acontecimentos*, Lisboa, Difel, 2002
- MANGUEL, Alberto, *Uma História da Leitura*, Lisboa, Editorial Presença, 1999
- MARTINS, Jorge Manuel, *Profissões do livro: Editores e Gráficos; Críticos e Livreiros*, Lisboa, Editorial Verbo, 2005
- NEVES, José Soares (coord.), *Inquérito ao Setor do Livro Parte I – Enquadramento e Diagnóstico e Parte II – Inquéritos à edição e à comercialização*, Lisboa, Observatório das Atividades Culturais, 2012
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), *Dinâmica da Aplicação da Lei do Preço Fixo*, Lisboa, Observatório das Atividades Culturais, 2000
- THOMPSON, John B., *Merchants of Culture: The Publishing Business in the Twenty-First Century*, Cambridge, Polity Press, 2010
- VALE, Francisco, *Autores, Editores e Leitores*, Lisboa, Relógio D'Água, 2009
- ZAID, Gabriel, *Livros de mais: Ler e publicar na Era da Abundância*, Lisboa, Temas e Debates, 2008

Anexos

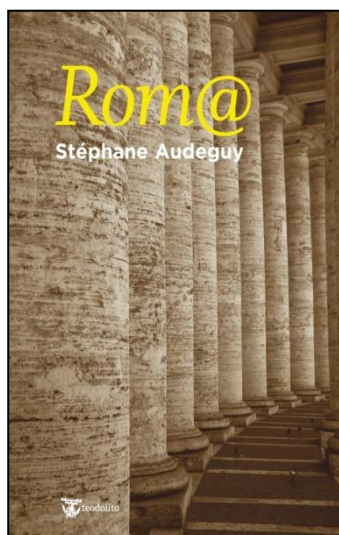
Anexo 1 – Capas dos livros da Teodolito trabalhados no estágio



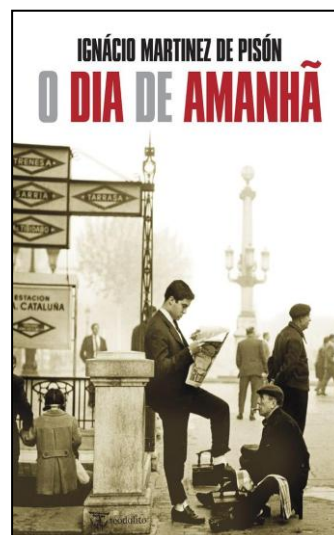
1 - *A instalação do medo*, Rui Zink Perrot



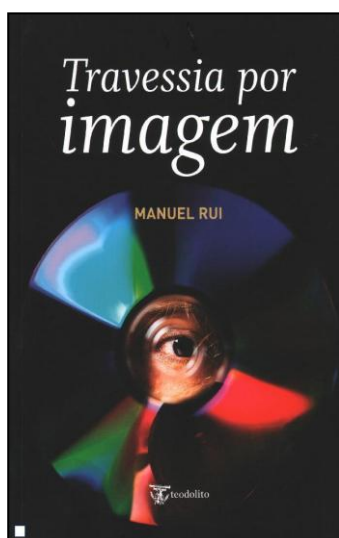
2 – *História dos Quartos*, Michelle Perrot



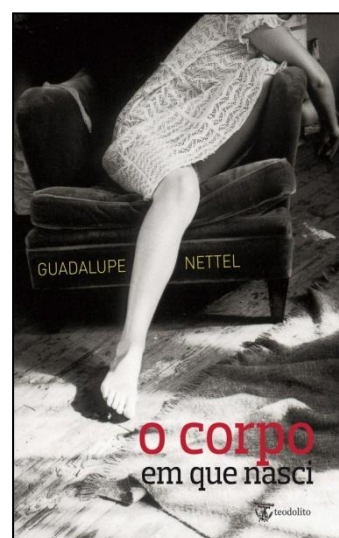
3 – *Rom@*, Stéphane Audeguy Pisón



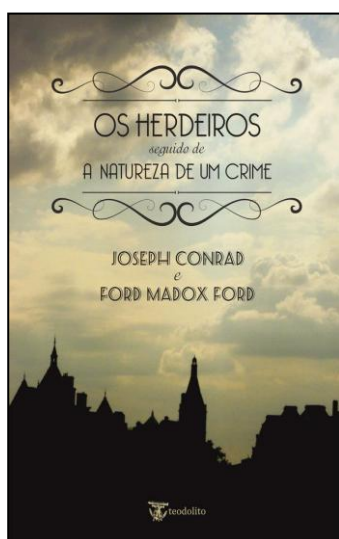
4 – *O Dia de Amanhã*, Ignacio Martínez de



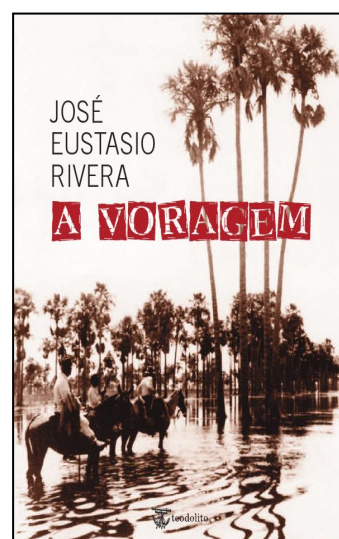
5 – *Travessia por imagem*, Manuel Rui
Nettel



6 – *O Corpo em que nasci*, Guadalupe



7 – *Os Herdeiros seguido de A Natureza de um Crime*,
Joseph Conrad e Ford Madox Ford

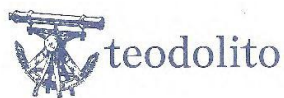


8 – *A Voragem*, José Eustasio Rivera

Anexo 2 – Escritório de Carlos da Veiga Ferreira



Anexo 3 – Carta de Recomendação de Carlos da Veiga Ferreira



Meu caro,

Venho apresentar Daniel Duarte Rodrigues, que se encontra a estagiar comigo na Teodolito, parte final do seu mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro e que procura trabalho na área editorial. O Daniel é licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas (ramo de Literaturas e Artes) pela Universidade de Évora.

Ao longo desta primeira fase do estágio, desempenhou já várias tarefas, desde a revisão literária, à troca de correspondência com agentes internacionais (tendo-me acompanhado à Feira do Livro de Frankfurt de 2012) à leitura de originais, à criação de uma página da Teodolito, que me permitiram avaliar muito positivamente as suas qualidades pessoais e profissionais.

Revelou uma grande cultura literária e humanística, uma sólida preparação teórica, uma enorme capacidade de se adaptar à prática. Tem também muito bons conhecimentos informáticos e grande capacidade de trabalho.

Assim sendo, considero que está apto a desempenhar não só várias tarefas do trabalho editorial como do livreiro e por isso o recomendo, pedindo o melhor acolhimento para as suas pretensões.

Um abraço amigo,

Carlos da Veiga Ferreira

Lx. 2012.01.11